

Reformador

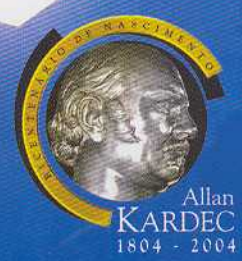
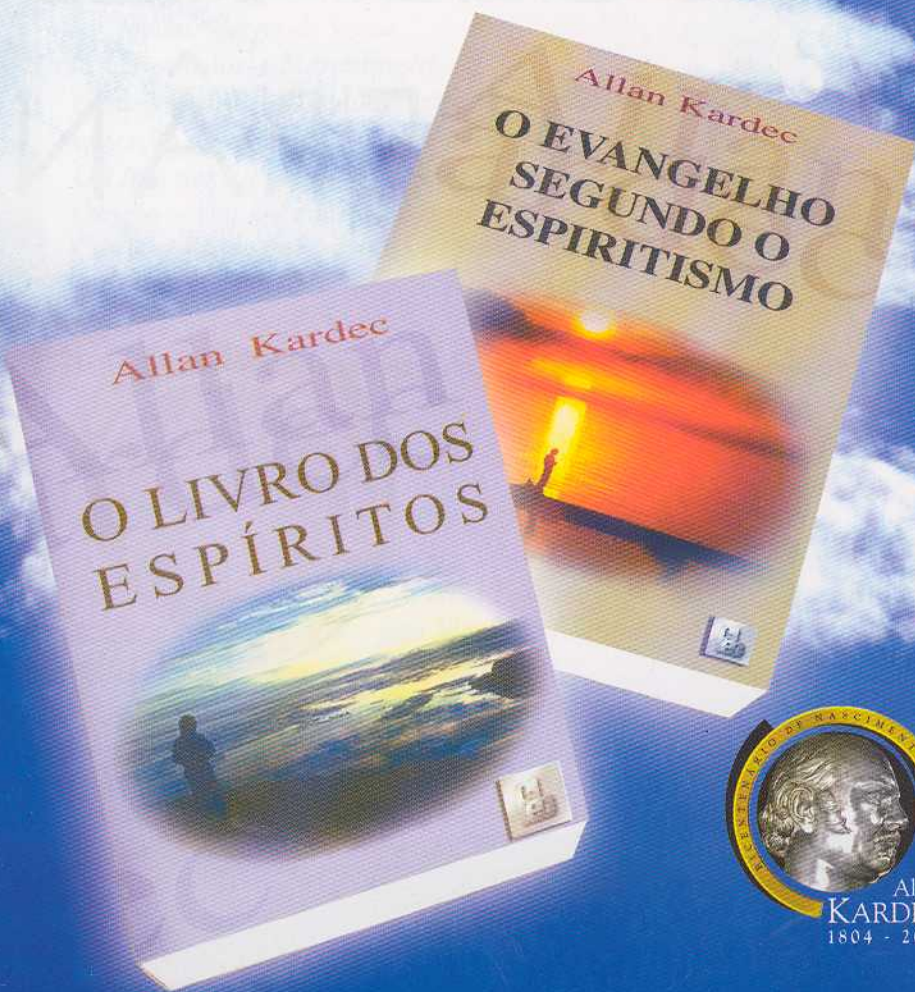
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA | DEUS, CRISTO E CARIDADE
ANO 122 — Nº 2.101 — ABRIL 2004 — R\$ 4,00

ISSN 1413 - 1749



O CONSOLADOR

"O Espiritismo vem, na época predita, cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade"



Reformador

Revista de Espiritismo Cristão
Ano 122 / Abril, 2004 / Nº 2.101



Fundada em
21 de janeiro de 1883
Fundador: Augusto Elias da Silva

ISSN 1413-1749
Propriedade e orientação da
Federação Espírita Brasileira

Direção e Redação
Av. L-2 Norte – Q. 603 – Conj. F (SGAN)
70830-030 – Brasília (DF)
Tel.: (61) 321-1767; Fax: (61) 322-0523

Home page: <http://www.febnet.org.br>
E-mail: feb@febrasil.org.br
webmaster@febnet.org.br

Para o Brasil
Assinatura anual R\$ 30,00
Número avulso R\$ 4,00
Para o Exterior
Assinatura anual US\$ 35,00
Simples US\$ 45,00
Aérea

Diretor – Nestor João Masotti; Diretor-Substituto e Editor – Altivo Ferreira; Redatores – Antonio Cesar Perri de Carvalho, Evandro Noletto Bezerra e Lauro de Oliveira São Thiago; Secretário – Iaponan Albuquerque da Silva; Gerente – Amaury Alves da Silva; REFORMADOR: Registro de Publicação nº 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça), CNPJ 33.644.857/0002-84 – I. E. 81.600.503.

Departamento Editorial e Gráfico
Rua Souza Valente, 17

20941-040 – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil
Tel.: (21) 2589-6020; Fax: (21) 2589-6838

Capa: Alessandro Figueredo

Tema da Capa: Ressalta a vinda do CONSOLADOR prometido por Jesus, com o advento da Doutrina Espírita, na Codificação de Allan Kardec.

EDITORIAL	4
O outro Consolador	
ENTREVISTA: CÉSAR SOARES DOS REIS	11
Oportunidade para que Kardec seja mais conhecido e reconhecido	
PRESENÇA DE CHICO XAVIER	12
A Paixão de Jesus – <i>Ewerton Quadros</i>	
ESFLORANDO O EVANGELHO	21
Pregações – <i>Emmanuel</i>	
A FEB E O ESPERANTO	26
Rotary International e Esperanto – <i>Affonso Soares</i>	
PÁGINAS DA REVUE SPIRITE	33
Da proibição de evocar os mortos – <i>Allan Kardec</i>	
SEARA ESPÍRITA	42
<i>O Evangelho segundo o Espiritismo</i> – 140 anos – <i>Juvanir Borges de Souza</i>	5
O Consolador – <i>Mário Frigéri</i>	7
Kardec e a fidelidade doutrinária – <i>Fernando A. Moreira</i>	8
Imitação do Evangelho	10
<i>O Livro dos Espíritos</i> – 1ª edição – <i>Evandro Noletto Bezerra</i>	13
Oração – <i>Frei José dos Mártires</i>	14
Conhecimento da Doutrina Espírita – <i>Brasiliano Baraúna</i>	15
A doçura da generosidade – <i>Carlos Abranches</i>	16
Espírita! – <i>Lafayette Melo</i>	17
Jesus, o Educador de Almas – <i>José Passini</i>	18
O ódio – <i>Inaldo Lacerda Lima</i>	20
Esquecimento das vidas passadas – <i>Gil Restani de Andrade</i>	22
O Espiritismo é milenar – <i>Rildo G. Mouta</i>	25
Das baratas – <i>Richard Simonetti</i>	28
A causa, o efeito e o equilíbrio – <i>Mauro Paiva Fonseca</i>	29
Floriano Moinho Péres – <i>Antonio Lucena</i>	30
Jesus acima das ondas – <i>João Martins e Martins da Silva</i>	31
O divino convite – <i>Casimiro Cunha</i>	34
Local do lançamento de <i>O Livro dos Espíritos</i> – <i>Antonio Cesar Perri de Carvalho</i>	35
Instituições Espíritas – <i>Washington Borges de Souza</i>	36
18ª Bienal Internacional do Livro – São Paulo 2004	37
Os variegados e repetidos mecanismos de erro e acerto – <i>Mauro Paiva Fonseca</i>	38
Retorno à Pátria Espiritual – <i>Joaquim da Costa Villaça</i>	39
Eu não sou deste mundo... – <i>Fátima Salvo</i>	40

Editorial

O outro Consolador

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo* (cap. I, item 6), Allan Kardec observa: “A lei do Antigo Testamento teve em Moisés a sua personificação; a do Novo Testamento tem-na no Cristo. O Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, mas não tem a personificá-la nenhuma individualidade, porque é fruto do ensino dado, não por um homem, sim pelos Espíritos (...).”

Deus nos criou como Espíritos imortais em constante processo de aprimoramento. Criou o Universo e as Leis que o regem, dentre as quais a do Progresso que nos leva, gradativamente, à perfeição. Desde a fase mais primitiva da Humanidade, vem atendendo às necessidades do homem e em nenhum momento o abandonou. Essa assistência, todavia, sempre levou em consideração as conquistas já realizadas pelo trabalho do próprio homem.

Quando o homem iniciava o desenvolvimento de sua inteligência e de seus sentimentos, a Providência Divina assistiu-o com as noções básicas da religião que veio com o totemismo, onde já se encontrava a mediunidade. Quando ele apresentava condições de melhor compreender os princípios da Justiça, enviou Moisés, com as tábuas da lei. Quando já se descortinava com possibilidade de receber lições mais profundas sobre a vivência do Amor, enviou Jesus para nos ensinar e exemplificar. Quando, ampliando o seu conhecimento nos campos da ciência, da filosofia, da religião e das artes, o homem já demonstrava a possibilidade de melhor compreender a Verdade, enviou o Espiritismo. E com o Espiritismo veio o conhecimento das Leis Morais, possibilitando a compreensão maior de tudo o que o cerca, da necessidade de progredir e dos meios necessários à sua evolução.

Sem dúvida, a Doutrina Espírita constitui-se no “outro Consolador” a que se refere Jesus (João 14:15-17), que veio no seu devido tempo para ensinar todas as coisas e recordar tudo o que Ele havia dito e praticado.

Cabe-nos, pois, não apenas argumentar quanto à autenticidade de que a Doutrina Espírita é o Consolador prometido, mas, acima de tudo, demonstrar, pela qualidade da prática espírita, que o Espiritismo representa a chave com a qual melhor compreendemos o Evangelho, e que com ele se descortinam os horizontes espirituais do homem, estimulando-o à prática do amor ao próximo, em toda a sua plenitude, único caminho que realmente nos eleva moral e espiritualmente.

O Evangelho segundo o Espiritismo – 140 anos

Juvanir Borges de Souza

“**E**u vos digo, em verdade, que são chegados os tempos em que todas as coisas hão de ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.”

Essas palavras do Espírito de Verdade, colocadas como parte do Prefácio de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, a terceira obra da Codificação Espírita que Allan Kardec escreveu e deu à publicidade, em abril de 1864, representam uma síntese do caráter do Espiritismo, bem assim a finalidade dessa obra extraordinária.

Se *O Livro dos Espíritos*, obra fundamental da Doutrina, revelando muitas verdades novas, a par da reafirmação de outras já vislumbradas pelos homens, é o marco inicial da Terceira Revelação, *O Evangelho segundo o Espiritismo* contém os ensinamentos morais do Cristo, adotados integralmente pelo Espiritismo.

Por isso, pela importância excepcional dessa obra, cuja 1ª edição está completando 140 anos neste mês de abril, os espíritas sinceros são naturalmente compelidos a lembrar seu lançamento, a natureza de seu conteúdo e o motivo pelo

qual é a obra espírita mais procurada, mais lida e mais comentada nos estudos da Doutrina Espírita, pelo menos no Brasil.

Os ensinamentos morais do Cristo de Deus, código divino constante do Evangelho do Mestre Incomparável, representam o grande Consolador da Humanidade, pelas verdades que encerra.

Entretanto, tendo em vista a natureza do mundo que habitamos, a imperfeição dos homens e a necessidade da permanência do código divino no seio da Humanidade, o Cristo, com a presciência dos Espíritos Puros e na condição de Governador Espiritual deste orbe, designado pelo Pai, prevendo a incompreensão dos homens e a deturpação de seus ensinamentos, tal como ocorreu, prometeu obter de Deus o envio de outro Consolador, para lembrar suas lições e revelar coisas novas.

A promessa foi cumprida, encontrando-se entre os homens a Doutrina Consoladora dos Espíritos.

A formulação desse Consolador obedeceu a planejamento da Espiritualidade Superior, sob a orientação do Cristo. O espírita sincero e estudioso percebe esse fato pelas próprias narrativas dos Espíritos e pelas circunstâncias da preparação dos agentes encarregados dos trabalhos, especialmente o missio-

nário entre os homens – o Codificador.

O Consolador prometido, o Espiritismo, ou Doutrina dos Espíritos, diferentemente das revelações anteriores, em que um missionário se incumbiu de transmitir novos conhecimentos às novas gerações, tem como característica a manifestação de muitos Espíritos, em diversos lugares, abordando os mais diferentes temas e assuntos, convergindo tudo para uma unidade conceptual sem discrepâncias, dentro de uma lógica rigorosa, atendendo à razão esclarecida, como jamais se encontra em nenhum sistema filosófico criado pelos homens.

É nessa universalidade dos ensinamentos dos Espíritos, organizada metodicamente pelo missionário Allan Kardec, que se patenteia a força da Doutrina Espírita, uma unidade dentro da diversidade.

Foram os próprios Espíritos reveladores, conscientes da superioridade dos ensinamentos trazidos aos homens, que lhes advertiram que deveriam examinar tudo à luz da razão esclarecida.

Na Nova Revelação, a Verdade ressalta dos fatos, das realidades que se patenteam.

Por isso, não há imposições de teorias que não se ajustem à razão e ao bom senso, esclarecidos pelo conhecimento. >

> Questões que se situam além da capacidade de entendimento do homem – como a natureza íntima de Deus, o princípio das coisas e o problema das origens –, a própria Doutrina adverte que os habitantes da Terra são seres em evolução que ainda não atingiram o estágio necessário para dominar todos os conhecimentos.

...

O Evangelho segundo o Espiritismo é a revivescência dos ensinamentos de Jesus, especialmente os de ordem moral, para um mundo que se desenvolveu e adiantou-se muito, em cerca de dezoito e meio séculos, no campo do conhecimento, com o desenvolvimento das ciências.

Essa obra, muito mais que um simples livro de regras religiosas, representa o mais extenso elo, a mais evidente ligação entre o Cristianismo puro e o Espiritismo.

Nele, os ensinamentos morais do Cristo são separados dos textos dos Evangelhos e comentados, dissecados e interpretados não só pelo Codificador mas também por muitos Espíritos, em *Instruções* que se encontram na maioria dos capítulos de que se compõe a obra.

O Código Divino que Jesus resumiu no Amor e na Justiça, e que a Doutrina dos Espíritos denomina Lei Divina ou Natural, abrange todas as situações e circunstâncias da vida, quer no que se refere a cada individualidade, quer no concernente às relações sociais.

É, pois, de extrema importância o conhecimento das leis morais, para que os homens possam pautar seus pensamentos e ações dentro de padrões que não destoem do que o

Criador estabeleceu como normas para a vida eterna.

Essa importância excepcional cresce ainda mais depois da vinda do Consolador, quando as Instruções dos Espíritos desvendaram os mundos e esferas espirituais, pátrias dos seres imortais que se encontram fora dos mundos materiais, sem os revestimentos de corpos carnis.

Se todas as criaturas, Espíritos criados simples e ignorantes, estão destinadas à felicidade, como ensina a Doutrina Espírita, é lógico e crucial que essa afirmativa doutrinária precisaria ser complementada com o esclarecimento da forma pela qual o objetivo deve ser alcançado.

O Cristo já se havia referido a esse objetivo e ao caminho para atingi-lo, ao afirmar: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”, síntese que deve ser entendida como sendo seus ensinamentos morais as normas e as regras de procedimento para que cada seguidor possa chegar à felicidade.

É admirável e sublime a moral do Cristo.

Entretanto, a linguagem em que estão escritos os Evangelhos torna difícil o entendimento de seus preceitos, de seus ensinamentos e normas, máxime ao se considerar as traduções dos escritos dos evangelistas, para as línguas atuais, nem sempre correspondendo à idéia original, além dos interesses religiosos atendidos pelos tradutores, o que é fato comprovado.

Além disso, a forma alegórica e a linguagem mística, usuais no tempo em que foram escritos os Evangelhos, tornam difícil seu entendimento, passando despercebidos muitos preceitos morais disseminados nas muitas narrativas.

É óbvio que todas essas dificuldades poderiam ser contornadas por uma ou outra personalidade bem dotada, de grande saber e interessada na prevalência da verdade.

Mas, onde encontrar personalidades assim dotadas, sem ligações com outros interesses que não os da realidade e da verdade? No nosso mundo, em se tratando de assunto de tal transcendência, seria praticamente impossível.

As religiões cristãs apóiam-se nos textos evangélicos. Mas foram tantos os desvios interpretativos, os acréscimos e supressões nas idéias originais, que os seguidores sinceros dos ensinamentos de Jesus têm enorme dificuldade em identificá-los com os preceitos e regras das igrejas.

Isto ocorreu a partir dos primeiros séculos do Cristianismo.

Diante de tantas dificuldades acumuladas desde que Jesus, o Cristo, esteve pessoalmente entre os homens, ensinando as leis divinas e exemplificando-as em suas ações, o Mestre veio em socorro da Humanidade, mais uma vez.

No bojo do Consolador prometido e enviado viria também o seu Evangelho revivido, em linguagem atual, simples e inteligível.

Allan Kardec dedicou muitos de seus esforços a essa obra, sempre assistido pela Espiritualidade Superior.

Já em 1860, o Espírito de Verdade dirige-se ao Codificador nestes termos esclarecedores:

“Sinto-me por demais tomado de compaixão pelas vossas misérias, pela vossa fraqueza imensa, para deixar de estender mãos socorredoras aos infelizes transviados que, vendo o céu, caem nos abismos do erro. Crede, amai, meditaí sobre as

coisas que vos são reveladas; não mistureis o joio com a boa semente, as utopias com as verdades.” (Cap. VI, item 5, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Ed. FEB.)

E mais adiante, dirigindo-se aos espíritas, como trabalhadores da última hora, conclama-os nestes termos precisos, belos e que, ao mesmo tempo, alargam o conhecimento e a responsabilidade dos seguidores da novel Doutrina:

“Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo. No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele enraizaram. Eis que do além-túmulo, que julgáveis o nada, vozes vos clamam: ‘Irmãos! nada perece. Jesus-Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade’.” (Cap. VI, item 5.)

Não resta dúvida que os homens têm, à sua disposição, o Evangelho do Mestre, agora em termos claros e compreensíveis para as criaturas comuns, sem necessidade de ser entendido através de intermediários exclusivistas, como nas religiões tradicionais ditas cristãs.

O Espiritismo vem, assim, esclarecer e consolar a todos neste mundo, ricos e pobres, desde que manifestem a intenção de se melhorarem e crescerem espiritualmente.

O Evangelho segundo o Espiritismo, fonte consoladora, é, ao mesmo tempo, o grande elo que une a Segunda e a Terceira Revelações, atualizando os ensinamentos de Jesus, especialmente no concernente às leis morais.

Consola os humildes de coração e dá força aos que procuram o caminho das retificações, esclarecendo o sentido da vida, não só no

mundo áspero em que vivemos, mas também nas esferas espirituais que nos esperam.

É uma orientação permanente para as almas sofredoras e enfermas, insuflando-lhes a esperança e a certeza de dias melhores, desde que cultivadas as virtudes sintetizadas no amor a Deus e ao próximo.

...

O Evangelho segundo o Espiritismo, tal como se apresenta hoje aos espíritas brasileiros, é a tradução da 3ª e definitiva edição francesa.

A tradução de Guillon Ribeiro, o saudoso Presidente da FEB, recomenda-se como a mais perfeita na língua portuguesa.

Por sua vez, na 3ª edição francesa Allan Kardec reviu, corrigiu e modificou as anteriores, com a as-

sistência dos Espíritos Superiores.

Originariamente, a obra denominava-se *Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo*, com sua 1ª edição em abril de 1864.

Sua denominação atual aparece a partir da 2ª edição, em 1865.

Não se deve estranhar a modificação da denominação da obra, nem sua ampliação e modificação pelo autor, fato que ocorreu também em outras obras da Codificação, desde que se atente para a circunstância de que o Codificador trabalhava sempre assistido por uma plêiade de Espíritos Superiores, sem prejuízo da sua contribuição pessoal, com seus métodos, sua inteligência e suas experiências de missionário escolhido especialmente para uma missão extremamente difícil. ■

O Consolador

Mário Frigéri

“Estou convosco e meu apóstolo vos instrui.”

O Espírito de Verdade

Jesus promete outro Consolador
– Um novo sol fulgindo em novos dias –
E o Espiritismo, sem alegorias,
Cumpra a promessa com Saber e Amor.

“Deveis amar-vos sempre como irmãos,
Este é o primeiro e grande ensinamento;
E instruir-vos, em prosseguimento,
Sem misturar o joio aos férteis grãos.”

Mesmo mesclando em seu manancial
Erros humanos às divinas leis,
No Cristianismo está toda a Verdade.

Mas sendo o Cristo o vencedor do mal,
Só com Jesus, irmãos, vos tornareis
Os vencedores da impiedade!

Fonte de consulta: *O Evangelho segundo o Espiritismo*, p. 129/132 (Advento do Espírito de Verdade). Epígrafe: idem, p. 131.

Kardec e a fidelidade doutrinária

Fernando A. Moreira

“Há, no corpo da Doutrina, um lastro de conceitos básicos, de caráter definitivo, e a substituição destes conceitos seria a desfiguração radical da Doutrina.”

Deolindo Amorim¹

Toda a orientação doutrinária e as verdades da Doutrina Espírita estão sustentadas pelos seus princípios básicos e quem os aceita, pode-se dizer vinculado a ela.

“O Espiritismo é uma doutrina espiritualista, de características próprias, e, como toda doutrina, tem princípios básicos, claramente definidos, pelos quais se norteia e nos quais apóia as verdades que proclama.”¹

Neste sentido qualquer discordância, que não os fira, não se torna uma heresia, pois que não temos dogmas, e, no dizer do eminente e saudoso cirurgião Edmundo Vasconcelos, “a verdade não tem rótulo, nem dono a quem prestar obediência e por ser luminosa é ela eterna, onde quer que possa aparecer, e quem a possuir no seu imo, deve proclamá-la e defendê-la, mesmo que se levante contra ela uma bíblia de verdades intocáveis.”²

Mesmo Kardec, referindo-se à possessão, declarava que não havia possessos, sendo que “(...) posses-

são seria sinônimo de subjugação (...)”³ para mais tarde, evoluindo de verdade em verdade, retificar este conceito, presenteando-nos com sua sabedoria e sua humildade, ao afirmar: “Temos dito que não havia possessos, no sentido vulgar do vocábulo, mas subjugados. Voltamos a esta asserção absoluta, porque agora nos é demonstrado que pode haver verdadeira possessão (...)”^{4,5}

O não ficou separado do sim, por um período de cinco anos.

Lição de modéstia nos dá também Emmanuel, Espírito, ao declarar: “Quando eu me posicionar contra Kardec, fiquem com Kardec.”

Assim, pode ser que, às vezes, ao estudarmos uma obra de determinado autor, não concordemos com certo capítulo, ou estudando todas elas, discordemos de determinado livro, por acharmos que não estejam de acordo com a pureza doutrinária; isto não é motivo para que eliminemos, sumariamente, toda a obra ou todas as obras do referido autor; reservado, no entanto, é nosso direito, de não a recomendarmos.

O mesmo se dá para as citações bibliográficas; o fato de mencionarmos determinado trecho, não implica em dizer que concordemos com toda a obra ou todo o produto de um determinado autor; significa apenas que o segmento citado

nos empolga e porque não somos plagiadores, o citamos.

Assim, avaliando uma opinião, uma prática ou uma obra, para se saber se ela está em consonância com a Doutrina Espírita, é preciso estudar para conhecer; conhecer para discordar; discordar para confluir.

Apóia-se a Doutrina Espírita nos pilares de seus princípios básicos que são:

Deus

“(...) inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.”⁶

Não um deus cruel, implacável e vingativo, que deserda seus filhos, condenando-os a penas eternas, imobilizando-os no mal e criando demônios para ajudá-LO nestas tarefas, mas sim um Deus “(...) eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom (...)”⁷

Os véus que nos impedem de vê-LO não estão perto dEle, mas bem próximos dos nossos olhos.

“Bem-aventurados os puros de coração porque verão a Deus” – Jesus (Mateus 5:8.)

Sobrevivência do Espírito

“(...) a existência dos Espíritos não tem fim (...)”⁸

Deus nos criou Espíritos iguais, simples, ignorantes e imortais, dotando-nos de livre-arbítrio para al-

cançarmos todos, por nosso merecimento, a perfeição. Este é o paraíso da felicidade, não como o homem o imagina, o que é uma alegoria, mas onde se reunirão os Espíritos puros.

Acreditamos, pois, na vida depois da vida, na vida antes da vida e na vida entre as vidas.

Dando-nos uma certeza disso, Jesus assim se pronunciou:

“Em verdade te digo que hoje estardís comigo no paraíso.” (Lucas, 23:43.)

Comunicação entre os dois mundos – Mediunidade

*“Resta agora a questão de saber se o Espírito pode comunicar-se com o homem, isto é, se pode com este trocar idéias. Por que não? Que é o homem, senão um Espírito aprisionado num corpo? Por que não há de o Espírito livre se comunicar com o Espírito cativo, como o homem livre com o encarcerado?”*⁹

Há um intercâmbio contínuo entre o mundo espiritual e o físico, entre os Espíritos encarnados e desencarnados, que se manifesta através da mediunidade. Todos os homens a possuem, embora uns mais ostensivamente que outros e a estes últimos chamamos médiuns.

Independentemente disso, no entanto, os Espíritos estão influenciando constantemente nos nossos pensamentos e ações, de acordo com a nossa sintonia e muitas vezes *“(…) são eles que vos dirigem”*.¹⁰

Jesus, *“(…) médium de Deus”*,¹¹ nosso Guia e Modelo, nos fez sentir os cintilos de sua mediunidade e nos exortou a praticá-la, sem nada pedir em troca:

“Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expe-

li os demônios; dai de graça o que de graça recebestes.” (Mateus, 10:8.)

Reencarnação – Pluralidade das existências corpóreas

*“Depurando-se, a alma indubitavelmente experimenta uma transformação, mas para isso necessária lhe é a prova da vida corporal.”*¹²

Para adequar-se a um Deus infinitamente bom, justo e misericordioso, nada pode espelhar melhor a Justiça Divina que a reencarnação. No entanto, o processo de reencarnação não é punitivo, mas edu-

Em toda a Criação, nas leis imutáveis divinas, não existe a inércia

cativo, quando, depurando-se os Espíritos, por experiências lapidadoras sucessivas na carne, por condicionamento à Lei de Ação e Reação, alcançarão, todos, a felicidade, único objetivo para o qual nos criou nosso Pai Amoroso, o Senhor da Vida.

Embora possa evoluir no período de intermissão, na Espiritualidade, as experiências na carne são indispensáveis para, por provas e expiações, purificar-se o Espírito.

Como nos afirmou Jesus: *“Ninguém pode ver o reino de Deus, se não nascer de novo.”* (João 3:3.)

Evolução – Pluralidade dos mundos habitados

*“Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre tal é a Lei.”*¹³

Em toda a Criação, nas leis imutáveis divinas, não existe a inércia; podemos perceber sempre o movimento e a evolução, tanto no micro, quanto no macrocosmo.

Deus não seria pródigo ao criar esta imensidão de astros inutilmente. Afinal, só na nossa Via-Láctea existem mais de 100 bilhões de estrelas, e no Universo visível, mais de um septilhão delas, trilhões de planetas, cada um com suas características de habitabilidade, conforme a evolução dos Espíritos, que variam ao infinito, e evoluindo sempre, eles jamais serão contemplativos ou preguiçosos.

Como nos asseverou Jesus:

“Há muitas moradas na Casa do Pai.” (João 14:2.)

Referindo-se ao sistema da alma material, em que o perispírito seria a própria alma, não havendo distinção entre ambas, e que, assim constituída, iria se depurando gradualmente por meio de transmigrações diversas, Kardec assim se pronunciou em *O Livro dos Médiuns*:

“Este sistema não infirma qualquer dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita, pois que nada altera com relação ao destino da alma; as condições de sua felicidade futura são as mesmas; formando a alma e o perispírito um todo, sob a denominação de Espírito (…) a questão se reduz a considerar homogêneo o todo, em vez de considerá-lo formado de duas partes distintas.”

Prossegue ainda o mestre lionês, analisando o comportamento e a inclinação dos discordantes: ➤

> “(...) Semelhante opinião, restrita, aliás, mesmo que se achasse mais generalizada, não constituiria uma cisão entre os espíritas (...). Os que se decidissem a formar grupo à parte, por uma questão assim pueril, provariam, só com isso, que ligam mais importância ao acessório que ao principal e que se acham compelidos à desunião por Espíritos que não podem ser bons, visto que os bons Espíritos jamais insuflam a acrimônia, nem a cizânia (...).”

Embora aceitando aquela opinião, Kardec mostra que não a recomendava, completando, mais adiante, seu pensamento:

“Julgamo-nos, entretanto, na obrigação de dizer algumas palavras acerca dos fundamentos em que repousa a opinião dos que consideram distintos a alma e o perispírito. Ela se baseia no ensino dos Espíritos, que nunca divergiam a este respeito (...).”¹⁴

Assim, procuremos, pelo menos, repetir Kardec, seguindo suas instruções.

Ele nos ensina que cabe a nós espíritas, diante de uma opinião divergente, que não fira os princípios fundamentais da Doutrina, aceitá-la e respeitá-la, sem nos furtarmos da obrigação de esclarecer, para almejar confluir. Adverte-nos ainda ele que, assim procedendo, estaremos nos libertando da ação maléfica de maus Espíritos, que insuflam o amargor, a discórdia e os nossos comportamentos pueris.

Agindo ainda assim, estaremos por certo colaborando com a nossa fidelidade e com eficiência, para o estabelecimento da pureza doutrinária, como também, para a alvura dos doutrinadores. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹BARBOSA, Pedro Franco. *Espiritismo Básico*. 4. ed., Rio de Janeiro, FEB, 1995, cap. Princípios Básicos da Doutrina Espírita, (nota de rodapé) p. 129.

²MOREIRA, Fernando Augusto. *Ante o Evangelho*, SP: O CLARIM, março/2000, p. 5.

³KARDEC, Allan. *Revista Espírita* (outubro de 1858). Ed. Edicel, Obsedados e subjugados, p. 278.

⁴*Idem, ibidem*, (dezembro de 1863). Ed. Edicel, Um caso de possessão – Senhora Júlia, p. 373.

⁵MOREIRA, Fernando Augusto. *A Possessão segundo Kardec*. Revista Internacional de Espiritismo, (SP), setembro/2001.

⁶KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*.

83. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, q. 1, p. 51.

⁷*Idem, ibidem*, q. 13, p. 54.

⁸*Idem, ibidem*, q. 83, p. 82.

⁹*Idem, O Livro dos Médiuns*, 70. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, cap. I, item 5, p. 24.

¹⁰*Idem, O Livro dos Espíritos*. 83. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, q. 459, p. 246.

¹¹*Idem, A Gênese*. 42. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, cap. XV, item 2, p. 311.

¹²*Idem, O Livro dos Espíritos*. 83. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, q. 166a, p. 120.

¹³Frase esculpida no frontispício do dólmen de Allan Kardec, no Cemitério do Père-Lachaise – Paris, França.

¹⁴KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*, 70. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, cap. IV, item 50, p. 70-71.

Imitação do Evangelho

Pergunta – Que pensais da nova obra em que trabalho neste momento?

Resposta – Esse livro de doutrina terá considerável influência, pois que explanas questões capitais, e não só o mundo religioso encontrará nele as máximas que lhe são necessárias, como também a vida prática das nações haurirá dele instruções excelentes. Fizeste bem enfrentando as questões de alta moral prática, do ponto de vista dos interesses gerais, dos interesses sociais e dos interesses religiosos. A dúvida tem que ser destruída; a terra e suas populações civilizadas estão prontas; já de há muito os teus amigos de além-túmulo as arrotearam; lança, pois, a semente que te confiamos, porque é tempo de que a Terra grave na ordem irradiante das esferas e que saia, afinal, da penumbra e dos nevoeiros intelectuais. Acaba a tua obra e conta com a proteção do teu guia, guia de todos nós, e com o auxílio devotado dos Espíritos que te são mais fiéis e em cujo número digna-te de me incluir sempre.

Fonte: KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. Segunda Parte, comunicação recebida em Ségur, 9 de agosto de 1863, pelo médium Sr. d’A..., p. 307, ed. FEB.

Oportunidade para que Kardec seja mais conhecido e reconhecido

César Soares dos Reis, dirigente do Lar Fabiano de Cristo e designado pelo Conselho Federativo Nacional coordenador das Comissões do Bicentenário de Kardec e do Censo Espírita, é o entrevistado do mês

P. – Como se tornou espírita?

CSR – Atuo no Movimento Espírita desde 1954. Tendo sido educado em família espírita, sobretudo por meu avô, um dos mais antigos associados da FEB, frequentei os grupos ligados à Cruzada dos Militares Espíritas desde os primeiros momentos nos bancos escolares.

P. – Atua também no Lar Fabiano de Cristo; qual é a abrangência do mesmo?

CSR – No Lar Fabiano de Cristo, estou na direção desde 1994. A Obra de Fabiano conta com 223 entidades, das quais 64 próprias e as demais são parcerias, franquias ou convênios de complementação de recursos.

P. – Como caracteriza o Lar Fabiano de Cristo?

CSR – O Lar Fabiano é um órgão de assistência social. Desenvolve um trabalho semelhante ao preconizado pelo nosso manual do SAPSE. Temos uma atividade, chamada Educação do Ser Integral, que é uma forma de evangelização especialmente desenvolvida para os nossos irmãos mais carentes.

P. – Como se iniciou seu envolvimento com o trabalho de unificação?

CSR – Nosso envolvimento com o trabalho de unificação come-



César Reis falando na Reunião do CFN/2003

çou com nossa frequência às reuniões do Conselho Federativo Nacional. Apaixonamo-nos por aquele grande encontro de entendimentos, de experiências, pela oportunidade de trabalharmos juntos, planejando as ações do Movimento, sob a égide da FEB.

P. – Qual a sua visão sobre o CFN?

CSR – Desde nossa primeira participação nas reuniões do CFN, percebemos o amadurecimento do Movimento, a busca da integração, que é crescente, o domínio gradativo e compartilhado de técnicas de planejamento e gestão. Torna-se, assim, o CFN, poderoso instrumento de unificação e de melhoria da qualidade das ações do Movimento Espírita brasileiro.

P. – Qual sua expectativa com

relação ao ano do Bicentenário de Kardec?

CSR – O ano de 2004 é excelente oportunidade para que Kardec seja mais conhecido e reconhecido. Devemos fazer um esforço conjugado para que as comemorações do Bicentenário possam levar ao mundo não espírita um pouco da extraordinária dimensão de Allan Kardec.

P. – E o Censo Espírita?

CSR – O Censo Espírita é também oportunidade de conhecermos números confiáveis a respeito do nosso Movimento. Para tanto, contamos com os Centros Espíritas para a divulgação e o levantamento de informações preciosas para que posamos nos posicionar melhor na sociedade brasileira.

P. – Uma mensagem para o leitor de Reformador.

CSR – Creio que o *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* não será uma destinação sem esforço. Construir um tempo novo de fraternidade e de paz far-se-á a partir de modelos de amor. O Espiritismo oferece-nos abençoada oportunidade de compreensão e de construção de tais modelos. Unamo-nos para que o Consolador possa fazer bem a sua parte na construção do mundo melhor com que todos sonhamos. ■

A Paixão de Jesus

O Espiritismo não nos abre o caminho da deserção do mundo.

Se é justo evitar os abusos do século, não podemos chegar ao exagero de querer viver fora dele. Usufruamos a vida que Deus nos dá, respirando o ar das demais criaturas, nossas irmãs.

Para seguir a própria consciência, podemos dispensar a virtude intocável que forja a santidade ilusória.

Não sejamos sombras vivas, nem transformemos nossos lares em túmulos enfeitados por filigranas de adoração.

Nossa fé não é campo fechado à espontaneidade.

Encarnados e desencarnados precisamos ser prudentes, mas isso não significa devamos reprimir expansões sadias e não nos abracemos uns aos outros. A abstinência do mal não impõe restrições ao bem.

Assim como a virtude jactanciosa é defeito quanto qualquer outro, a austeridade afetada é ilusão semelhante às demais.

Não façamos da vida particular uma torre de marfim para encastelar os princípios superiores, ou estrado de exibição para entronizar o ponto de vista. A convicção espírita não é insensível ou impertinente.

A inflexibilidade, no dever, não exige frieza de coração. Fugamos ao proselitismo fanatizante, mas, nem por isso, cultivemos nos outros a aversão por nossa fé.

Se o papel de vítima é sempre o melhor e o mais confortável, nem por isso, a título de representá-lo, podemos forçar a nossa existência, transformando em verdugos, à força, as criaturas que nos rodeiam.

Não sejamos policiais do Evangelho, mas candidatemo-nos a servidores cristãos.

Nem caridade vaidosa que agrave a aspreza do próximo, nem secura de coração que estiole a alegria de viver.

Quem transpira gelo, dentro em breve caminhará em atmosfera glacial.

A crença aferrolhada no orgulho desencadeia desastres tão grandes quanto aqueles criados pelo materialismo.

Não sejamos companhias entediadas.

Um sorriso de bondade não compromete a ninguém.

A fé espírita reside no justo meio-termo do bem e da virtude.

Nem o silêncio perpétuo da meia-morte, que destrói a naturalidade, nem a fala medrosa da inibição a beirar o ridículo.

Nem olhos baixos de santidade artificiosa, nem anseio inexperiente de se impor a todo preço.

Nem cumplicidade no erro, na forma de vício; nem convivência

com o mal, na forma de aparente elevação.

Fé espírita é libertação espiritual. Não ensina a reserva calculada que anula a comunicabilidade, constringendo os outros, nem recomenda a rigidez de hábitos que esteriliza a vida simples. Nem tristeza sistemática, nem entusiasmo pueril.

Abstenhamo-nos da falsa idéia religiosa, suscetível de repetir os desvios de existências anteriores, nas quais vivemos em misticismo acabrunhante. Desfaçamos os tabus da superioridade mentirosa, na certeza de que existe igualmente o orgulho de parecer humilde.

O Espiritismo nos oferece a verdadeira confiança, raciocinada e renovadora; eis por que o espírita não está condenado a atividade inexpressiva ou vegetante. Caridade é dinamismo do amor. Evangelho é alegria. Não é sistema de restringir as idéias ou tolher as manifestações, é vacinação contra o convencionalismo absorvente.

Busquemos o povo – a verdadeira paixão de Jesus –, convivendo com ele, sentindo-lhe as dores, e servindo-o sem intenções secundárias, conforme o “amai-vos uns aos outros” – a senda maior de nossa emancipação.

Ewerton Quadros

Fonte: XAVIER, Francisco C., VIEIRA, Waldo. *O Espírito da Verdade*. 12. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2000, cap. 38, p. 94-96.

O Livro dos Espíritos – 1ª edição

A FEB é, talvez, a única, no Brasil, a possuir a edição original de *O Livro dos Espíritos*, lançada por Kardec em 18 de abril de 1857

Evandro Noleto Bezerra

Há cerca de dois anos descobrimos um *site* na Internet dedicado à venda de obras raras que abrangem todos os ramos do conhecimento e do interesse humanos.

Ao digitar o nome *Allan Kardec*, qual não foi nossa surpresa ao nos depararmos com algumas edições publicadas ainda em vida do Codificador, trazendo o selo dos livreiros Didier e Ledoyen, inclusive as primeiras edições de *A Gênese* (1868), *O Céu e o Inferno* (1865), *O Livro dos Médiuns* (1861) e *O que é o Espiritismo?* (1859). Recebemos os livros pelos Correios, em encomenda especial, em adequado estado de conservação, inclusive um deles (*A Gênese*) com a sua capa original, verde-claro, tal como foi lançado na época. Os demais estavam encadernados.

Estimulados pela descoberta inusitada, periodicamente navegávamos na Internet em busca de outros livros. Eram incursões quase diárias, que se revelaram de grande utilidade, pois conseguimos obter

a 2ª edição de *O Livro dos Espíritos* (1860) e a 3ª de *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1866), isto é, os textos definitivos que têm servido de base para as traduções desses livros nos diferentes idiomas da Terra.

Posteriormente, através do mesmo *site* – <http://www.chapitre.com> – deparamo-nos com a oferta da 2ª edição de *Obras Póstumas* (1890) e com a 5ª edição de *O Espiritismo na sua expressão mais simples*. Recebemos, depois, a 2ª edição de *O Livro dos Médiuns*, 5ª de *O Livro dos Espíritos* e 5ª de *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

A Biblioteca de Obras Raras da FEB já dispunha da 1ª edição de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, publicada com o título de *Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), oferecida aos espíritas brasileiros em edição fotomecânica (1979). Ou seja, com as edições originais conseguidas em Paris, só faltava à Federação Espírita Brasileira a primeira edição de *O Livro dos*



Capa da 1ª edição (tamanho reduzido)

Espíritos: a que foi lançada pelo livreiro Dentu, na mesma cidade, em 18 de abril de 1857, e que marcou o surgimento da Doutrina. Como se sabe, a edição original era dividida em três partes e continha apenas 501 perguntas.

Conseguir tal exemplar era tarefa difícil, para não dizer im-

possível. Nem o próprio Dr. Canuto Abreu, profundo conhecedor e estudioso do Espiritismo e detentor de valiosa biblioteca particular, possuía o referido exemplar. E tanto isto é verdade que, em 1957, para comemorar o primeiro Centenário do Espiritismo, serviu-se de fotocópias de um dos dois únicos exemplares existentes na Biblioteca Nacional de Paris, para publicar o texto bilíngüe (*fac-símile* do original francês e sua tradução em português) com que brindou os estudiosos do Espiritismo no Brasil.

Para obviar esses inconvenientes, passamos a *navegar* em outros *sites* estrangeiros, especialmente no <http://www.abebooks.com>, até duas vezes por dia, na expectativa, posto muito distante, de encontrar o primeiro *Livro dos Espíritos*. E não é que o *milagre* aconteceu?! No dia 13 de janeiro deste ano, lá estava o livro em questão! Recebemo-lo via Correios, em 4 de fevereiro último, procedente de uma cidade do interior da França, em bom estado, sem assinaturas de proprietários anteriores, sem anotações à parte, com algumas manchas e com a sua *capa original*, em cor verde-claro. Necessita, naturalmente, passar por um processo especial de restauração, não só com vistas ao seu viço original, mas, também, à sua maior durabilidade. Afinal de contas, é preciso que os espíritas de outras gerações também possam ver esta preciosidade.

Está, pois, de parabéns, a Biblioteca de Obras Raras da Federação Espírita Brasileira, talvez a única do País inteiro e uma das raras do Planeta a possuir em seu acervo a primeira edição do primeiro livro da Codificação Espírita. ■

Oração

Senhor Jesus, na condição de humildes trabalhadores da causa do Bem, aqui vimos rogar-te o amparo amigo para que não resultem vãos nossos esforços em aproveitar a oportunidade de reparação a todos concedida. Há aqui pequeninos, sofredores, necessitados, encaminhados a esta Casa após recolhimento nas zonas de vícios e crimes existentes nos dois planos de vida, a quem devemos assistência moral e material. Tua bondade, Senhor, os enviou a nós para que os orientássemos à luz do Evangelho; a nós, Senhor, que outrora também recolhiste nas mesmas condições que eles.

Sabemos dos sofrimentos por que passam, embora possam momentaneamente estar exercendo a função de algozes, vingadores, perseguidores cruéis. Não desconhecemos o profundo sentimento de solidão que permanentemente os angustia, pois que a pestilência de suas vibrações, o negrume de suas consciências, cria em torno de seus psiquismos barreiras magnéticas de tal intensidade que impedem lhes cheguem as vibrações de carinho, afeto e amizade a eles enviadas por Espíritos que eles amaram e lhes querem bem, pois também eles, um dia, foram filhos, pais, mães, irmãos, amigos...

São feras solitárias e angustiadadas, mas cuja crueldade, embora faça sofrer, por necessidades cármicas, o próximo colocado sob sua esfera de ação e influência, acaba por atingi-los com intensidade

maior do que experimentam suas vítimas.

Um dia, Mestre, o cansaço por tais atitudes vergou-lhes os ombros, extrema solidão atingiu-lhes mais fortemente o coração e, saudosos, lembraram-se dos dias em que o Sol, as flores da amizade e do afeto aqueciam e enfeitavam suas consciências e, por um momento, cogitaram de a tudo abandonar, recaminhando-se para roteiros renovados... E nesse instante, Senhor, tu, que és a Grande Estrela a aquecer os corações humanos, os arrebanhaste das negras sendas do passado, para conduzi-los às duras expiações, em que a dor e a lágrima, os mecanismos da lei de causa e efeito ser-lhes-ão os guias, por agirem como lapidadores do homem embrutecido no egoísmo, até que se capacitem ao redirecionamento nas renovadoras trilhas do Evangelho.

Ajuda-nos, Senhor, a ajudá-los. Inspira-nos o verbo, revigora-nos a boa vontade nos serviços do Bem e fortalece-nos nas lutas contra nossas próprias limitações e fraquezas, para que melhor te possamos servir, servindo a estes teus pequeninos.

Desde já, Mestre, sabemos que tua caridade nos ajudará, e, por tudo o que nos dás e darás, num preito de ação de graças pelo imenso amor que a todos dedicas, erguemos hosanas a ti, Senhor, Filho de Davi, irmão bondoso, amigo compassivo de todos nós.

Graças a Deus! Muita paz!

Frei José dos Mártires

(Mensagem recebida psicograficamente pela médium Tânia de Souza Lopes em 28 de junho de 2002, em Reunião Pública na Sede Seccional do Rio de Janeiro.) ■

Conhecimento da Doutrina Espírita

Meus bons irmãos,
Glória a Deus nas alturas e fraternidade entre todos nós.

Éxpressiva a força do Espiritismo no cenário das vidas que o entenderam e que se esmeram em seguir seus ensinamentos.

Essa força tem o poder de penetrar o cerne das almas e provocar as transformações mais inusitadas, mais raras, mais difíceis, com formidável homenagem ao Mestre Jesus, uma vez que todas as enobrecidas alterações que se passam no íntimo dos seres acabam por incrementar o programa evolutivo do nosso planeta, sob a supervisão do Excelso Pastor, que é Jesus.

A força que o Espiritismo conduz em si, de acordo com as falas do Codificador Allan Kardec, encontra-se na sua estruturação filosófica, o que nos impõe o dever de conhecê-lo, com sua grandiosa proposição para o pensamento da humanidade, a fim de que não nos falte o reforço do entendimento para vivenciá-lo devidamente, dignamente.

Sem que conheçamos as entranhas do pensamento espírita, não passará o Espiritismo de um sistema a mais de crença, capaz de, uma vez não claramente compreendido, deixar a criatura completamente cega pelo excesso de claridade que projeta e que, sem os filtros do raciocínio, não consegue fazer-se útil.

O conhecimento da Doutrina Espírita, então, torna-se medida de urgência nos arraiais em que nos movemos. Não podemos admitir que a ignorância relativamente ao Consolador se enraíze e se mantenha no âmago do nosso crescente movimento.

Parece-nos que, na medida em que um número agigantado de livros espíritas ou espiritualistas é deramado na correnteza do Movimento Espírita, contingentes consideráveis de pessoas podem cansar-se prematuramente e passar a ler somente as orelhas desses livros, ou colecionando autógrafos dos seus respeitáveis autores, deixando-os esquecidos nas estantes, até que deles já ninguém se recorde.

Esse seria o fenômeno lastimável que poderíamos considerar como a morte do livro, que desapareceu sem, sequer, ter sido conhecido para ser assimilado pelos valores e verdades que porte, ou devidamente rejeitado em função de impropriedades que manifeste.

O Movimento Espírita, assim, é chamado a responsabilizar-se, sim, pela divulgação dos bons textos, porém assumindo o dever de incentivar, de incrementar o seu estudo, desenvolvendo por meio dos recursos mais variados, que estejam disponíveis, o senso crítico dos profíctos do Espiritismo, laborando para que não se instalem posturas fanatizantes por ausência do indispensável esquadrinha das leituras.

É assim que sentiremos de perto a força transformadora do Espiritismo, pois jamais alguém poderá vivenciar uma proposta que ignore; ninguém amará a uma causa que, de fato, ainda não entenda.

Nesta oportunidade, meus bons irmãos, recebo a honrosa tarefa de expressar-me em nome dos Espíritos trabalhadores do Espiritismo vinculados ao psi-quismo do nosso Brasil Central, particularmente os do amado Mato Grosso. Entre tantos companheiros, instalados nas dimensões do Infinito, encontram-se conosco os queridos Mário Corrêa da Costa, Aristotelino Praieiro e o nosso Dom Carlos do Amor, em nome dos quais me expresso.

Saudamos, aqui, o abençoado evento federativo, pela grandiosidade dos seus objetivos, pelo trabalho de confraternização de todos nós em torno do Ideal Espírita que nos irmana.

Despedimo-nos, então, comovido e fazendo votos para que sejamos, todos, os grandes divulgadores dessa ingente força do Espiritismo, podendo oferecer à nossa sociedade e ao mundo a contribuição dos nossos esforços.

Recebam todo o apreço do pequeno servidor,

Brasiliano Baraúna

(Mensagem psicografada pelo médium J. Raul Teixeira em 7/11/2003 durante Reunião do Conselho Federativo Nacional, na sede da Federação Espírita Brasileira, em Brasília.)

A doçura da generosidade

Carlos Abranches

O amor é a finalidade; a generosidade é o caminho.

Spinoza

Há uma razão muito simples para saber por que as pessoas mais queridas são sempre as primeiras a serem lembradas: é que a generosidade que lhes caracteriza a conduta é bálsamo para nossas inseguranças, verdadeiro recanto onde se pode descansar das pressões do dia-a-dia.

Lembro-me de um professor muito atento a essa virtude. Em determinado dia, próximo de meus 14 anos, diante de uma questão errada de matemática que não soube resolver, ele me disse, com um leve sorriso no rosto:

– Não se preocupe com isso. Você já acertou tantas outras contas, que errar uma de vez em quando é normal. Vamos trabalhar para que não volte a acontecer, em favor de sua tranqüilidade.

É por causa desses pequenos gestos que o poder dos professores é eterno. Não é possível dizer onde termina sua influência. Certamente a desse mestre me acompanha até hoje, agindo sutilmente em minha auto-estima quando preciso injetar-lhe ânimo.

A generosidade é irmã da justiça. O pensador francês Sébastien Chamfort (1741-1794) afirma que é preciso ser justo antes de ser generoso. Na opinião de André

Comte-Sponville¹, as duas virtudes são de um registro diferente, e por isso devem ser entendidas com suas características específicas.

Para o filósofo francês, a generosidade é mais subjetiva, mais singular, mais afetiva, mais espontânea, ao passo que a justiça guarda em si algo mais objetivo, universal, intelectual ou mais refletido. Para ele, a generosidade parece dever mais ao coração ou ao temperamento; a justiça, ao espírito ou à razão.

...

Penso que o sentimento que ressuma das páginas iluminadas de Allan Kardec é uma expressão cristalina da verdade que caracteriza a Terceira Revelação. Os textos do Codificador são vitalizados pela força da justiça, não sem deixar brilhar também esclarecimentos sublimes acerca da misericórdia e da caridade, dentre tantos outros valores universais.

Já os textos de Léon Denis são o retrato mais sublime da poesia que há no bom do pensar e no belo do existir. O filósofo francês soube falar com acendrado amor dos problemas do ser, do destino e da dor, oferecendo ao homem imortal o exato peso da consolação de que essa Doutrina se faz portadora.

Em minha opinião, a grandeza do pensamento do Espírito Joanna de Ângelis se manifesta de forma justa, sem grandes concessões a arroubos próprios da emotividade,

muito embora também nos toquem a alma. Por outro lado, os Espíritos que escreveram por Chico Xavier deixaram quase sempre a marca da emoção em páginas inesquecíveis, vestidas de candura e bondade.

O que é mais importante diante dessas características específicas de cada ser? Não é este o tópico a ser destacado neste trabalho. O que interessa é mostrar que ambas virtudes – justiça e generosidade – devem ocupar espaço dentro do coração do homem interessado na própria renovação.

...

Um aluno do curso de filosofia aplicada à comunicação² me perguntou o que era maior: a solidariedade ou a generosidade?

Para justificar a pergunta, ele disse que uma das palavras mais repetidas nos discursos de políticos era justamente solidariedade. Tentando entendê-la, notou que ela faz referência a um mundo de interdependências, em que as pessoas precisam umas das outras, bem como de preservar a Natureza, as fontes de recursos naturais, como água e alimentos, e trabalhar para que todos tenham acesso ao bem-estar.

Só que ele compreendeu também que na atitude dos homens que adotam esse discurso, a solidariedade muitas vezes passa distante. Eles não pensam em que a morte de alguém pode torná-los menos vivos, em que a pobreza dos outros pode fazê-los menos ricos. É aí que,

para o aluno, o domínio da solidariedade passa para o da generosidade.

Durante o diálogo, citei Comte-Sponville, que afirma não ser de solidariedade que necessitam a África, parte da Ásia ou a América do Sul, regiões pobres do Planeta, mas sim de justiça e de generosidade. Eu diria que todos os outros recantos do mundo também. A solidariedade pode e deve ser um grande incentivo à prática da generosidade, mas para sê-lo, é preciso que vá além do interesse apenas solidário.

É nessa hora que a atitude do bem deixa de ser um jogo, uma troca, verdadeira barganha feita entre a criatura e o Criador (*eu faço isso e o senhor me dá aquilo*), e passa a ser uma expressão pura do interesse do ser pela transformação da Humanidade, a partir de seu próprio coração.

É por isso que não existe espaço no Espiritismo para as chamadas promessas, muito comuns entre os milhões de fiéis que visitam os santuários religiosos espalhados pelo mundo. Sob o ponto de vista doutrinário, a generosidade é o valor que elimina a possibilidade da prática do bem por interesse.

Sponville considera que a generosidade aparece no cruzamento de duas virtudes gregas, a *magnanimidade* e a *liberalidade*. O magnânimo não é nem vaidoso nem baixo, o liberal não é nem avaro nem pródigo, por isso são sempre generosos, quando não se identificam.

O ser generoso é consciente de sua própria liberdade e da firme decisão de bem usá-la. O espírita generoso aprende um pouco a cada dia a traduzir suas leituras e reflexões doutrinárias nas atitudes que

toma, por menores e mais singelas que sejam. É um dos resultados práticos de sua vivência espírita cotidiana. Isso o deixa mais feliz, apesar das inúmeras batalhas que precisa vencer em favor da própria melhoria.

Há quem acredite que em tudo é preciso vestir o manto da razão, a fim de se acertar mais. Pois acredito que a generosidade é uma das virtudes que extrapolam esse rigor.

É bem certo que autoconhecimento é dever de todos os dias, mas para fazer o bem, a própria essência da Doutrina orienta que ir além da razão significa agir com amor e alegria. E como é bom conviver com pessoas alegres... e como ser espírita nos faz alegres, com maturidade crescente!

Repito as palavras de Sponville, ao concluir a reflexão sobre a generosidade. Ele afirma que ela, como todas as virtudes, é plural. “Somada à coragem, pode ser heroísmo. Somada à justiça, faz-se equidade. Somada à compaixão, torna-se benevolência. Somada à misericórdia, vira indulgência. Mas seu mais belo nome é seu segredo, que todos conhecem: somada à doçura, ela se chama bondade.” ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. Ed. Martins Fontes, 1996, cap. 7.

²Disciplina do curso de jornalismo da Faculdade de Comunicação da Univap – Universidade do Vale do Paraíba –, em São José dos Campos.

Espírita!

Atende à dor maior a bramir quando passas:
Homens na idade anciã gemendo em noite fria...
Infratores da Lei sob as trevas madraças...
Pais a implorar trabalho e pão de cada dia...

Jovens no imenso caos de aventuras devassas...
Anônimos abrindo o corpo à Anatomia...
Mil pedintes sem rumo a esmolar pelas praças...
Mulheres onde o crime, em sombra, assalta e espia...

Petizes a esperar quem os peça primeiro...
Enfermos sem socorro, ao léu da prova escura...
E mães cata-papéis junto ao lixo-celeiro...

A Religião da Luz não se isola no Templo;
Qual pábulo de amor para toda criatura,
A grandeza da Fé fulge e cresce no exemplo!...

Lafayette Melo

Fonte: XAVIER, Francisco C., VIEIRA, Waldo. *Antologia dos Imortais*. 4. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, p. 253.

Jesus, o Educador de Almas

José Passini

A Humanidade começou, com o advento do Espiritismo, a conhecer com mais amplitude e profundidade o que significou, para o mundo, a vinda de Jesus, o Mestre mais perfeito que a Terra conheceu, aquele que baseou seus ensinamentos na pedagogia do exemplo. Não há um só ensinamento dele que tenha ficado sem o seu testemunho pessoal. Jesus foi simples e minucioso no que ensinou verbalmente e farto na exemplificação. Por isso é que se deve tomá-lo como o Mestre e Guia a ser seguido, e não como um simples intermediador entre o homem e Deus, que teria selado uma pretensa aliança com o Criador, através do oferecimento do seu sangue para a salvação da Humanidade, conforme interpretações equivocadas de teólogos.

O próprio conceito de religião foi modificado a partir dos seus ensinamentos. Com Jesus, aprende-se que religião não é algo mágico a ser levado a efeito no interior dos templos. Não mais aquela idéia de que religião é prática mística, contemplativa, ritualística, cheia de oferendas e fórmulas repetitivas vivenciadas no interior das assim chamadas “Casas de Deus”. Religião, conforme seus ensinamentos e, principal-

mente seus exemplos, passou a ser, para aquele que lhe entendeu as lições, um novo modo de viver, de relacionar-se com o próximo, em todos os ambientes, em todos os momentos. Ensinando que Deus está presente em todo o Universo, alargou os limites dos templos, transformando o mundo num templo imenso: “Na casa de meu Pai há muitas moradas.” (João, 14:2.)

Jesus foi um educador de almas, que sempre enfatizou a necessidade do empenho da criatura no sentido de educar-se, de progredir

Jesus não foi um Mestre de gestos largos, de atitudes místicas e contemplativas, que vivesse confinado em ambiente religioso, ou em local distante, isolado do convívio diário, longe da vida prática. Nem era um profissional religioso: era um simples carpinteiro, que causou espanto em alguns, diante do que falava e fazia: “Donde lhe vêm estas

coisas? E que sabedoria é esta que lhe foi dada? E como se fazem tais maravilhas por suas mãos? Não é este o carpinteiro, filho de Maria, e irmão de Tiago, e de José, e de Judas, e de Simão? e não estão conosco aqui suas irmãs? E escandalizavam-se nele.” (Marcos, 6:2-3.)

Jesus foi um educador de almas, que sempre enfatizou a necessidade do empenho da criatura no sentido de educar-se, de progredir: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens” (Mateus, 5:16), disse no Sermão do Monte. Toda a mensagem religiosa de Jesus se fundamenta no esforço da criatura no sentido de revelar essa herança divina que todos trazemos. Nada de graças, além da graça da vida. Nada de privilégios: “(...) e então dará a cada um segundo as suas obras.” (Mateus, 16:27.)

Sua mensagem é um verdadeiro desafio, no sentido de transcender os limites da lei antiga, que preconizava “olho por olho, dente por dente”: “(...) se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus.” (Mateus, 5:20.) “Ouvistes o que foi dito: amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai a vossos inimigos, bendizeis os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem.” (Mateus, 5:43-44.)

Jesus não desejou discípulos passivos, encantados, deslumbrados.

Pelo contrário, sempre buscou tocar o sentimento, juntamente com o apelo para que a criatura raciocinasse, a fim de saber, de compreender porque deveria agir desse ou daquele modo. O Sermão do Monte, que para muitos é apenas um hino ao sentimento, é, também, uma forte mensagem à inteligência, ao raciocínio: “É qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus dará bens aos que lhos pedirem?” (Mateus, 7:9-11.)

A fé raciocinada começou, inquestionavelmente, com Jesus: “Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?” (Mateus, 6:26.) Ao ensinar a criatura a não criar fantasias sobre a fé, mostra a linha divisória entre aquilo que deve ser objeto da preocupação do homem, e o que deve ser entregue a Deus, perguntando: “E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura?” (Mateus, 6:27.)

A educação religiosa que Jesus propicia ao homem leva-o a conscientizar-se de que não será através de orações repetidas que estaremos agradando a Deus: “E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos.” (Mateus, 6:7.) Nem através de oferendas ou bajulações: “Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do

altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem e apresenta a tua oferta.” (Mateus, 5:23-24.)

No seu trabalho educativo do espírito humano, Jesus mostrou a importância do bom relacionamento com o próximo como caminho para Deus, conforme bem entendeu o Apóstolo João, que registrou: “Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?” (I João, 4:20.)

Significativo é o diálogo entre o doutor da lei e Jesus, conforme relatado no Evangelho de Lucas (10:25): “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” Ali se vê um homem, conhecedor profundo das leis religiosas, a ponto de citá-las de cor, logo que inquirido por Jesus: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.” (Deuteronomio, 6:5 e Levítico 19:18.) Efetivamente, os judeus sabiam de cor esses dois mandamentos maiores. Entretanto, quando Jesus lhe disse: “Faze isso e viverás”, aquele homem não compreendeu, porque para ele não havia conexão entre o preceito religioso, que lhe enfeitava o campo intelectual, com a vida prática, a ponto de perguntar: “Quem é o meu próximo?” Por saber disso, é que o Mestre lhe contou a Parábola do Bom Samaritano, mostrando que o samaritano fez sua oferta a Deus, não diante de um altar, mas através do mais legítimo representante de Deus: o próximo!

Ele próprio deu-se como exemplo no serviço a Deus na pessoa do próximo. Curava sempre, impondo as mãos sobre os doentes, embora

não precisasse fazê-lo para curar (vide cura do servo do centurião: Mateus, 8:5-13), mas o fez para ensinar, recomendando que se fizesse o mesmo: “(...) e porão as mãos sobre os enfermos e os curarão.” (Marcos, 16:18.) Deixou bem clara, também, a gratuidade da prática religiosa: “(...) de graça recebestes, de graça dai.” (Mateus, 10:8.)

Vê-se, assim, que Jesus trouxe à Terra uma mensagem religiosa sem precedentes. Simples, sem ser superficial; profunda, sem ser complicada.

Uma concepção religiosa libertadora não agrada àqueles que desejam exercer o poder religioso. Estes procuram conservar a religião como algo mágico, místico, extático, complexo, a ponto de a ela só terem acesso os doutos e os sábios, pessoas pretensamente especiais, que estariam mais habilitadas a intermediar as mensagens das criaturas ao Criador. Jesus concedeu carta de alforria à Humanidade, em relação à intermediação sacerdotal, ao informar a criatura humana de que ela tem o direito legítimo e inalienável de comunicar-se com seu Criador, diretamente, em qualquer lugar onde se encontre: “Mas tu, quando orares, entra no teu aposento, e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em oculto; e teu Pai, que vê secretamente, te recompensará.” (Mateus, 6:6.)

Jesus libertou a criatura humana também da necessidade do comparecimento ao templo, a fim de ali encontrar-se com Deus. O Mestre jamais convidou alguém a orar num templo. Pelo contrário, quando a Samaritana se manifestou no sentido de adorar a Deus no Templo de Jerusalém, o Mestre desauto-

rizou tal atitude, dizendo-lhe: “Mulher, crê-me que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. Deus é espírito e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.” (João, 4:21-24.) Para Jesus não havia santuários, lugares especiais. Seus ensinamentos, suas curas, suas orações sempre foram levados a efeito onde quer que ele se encontrasse.

Ele foi crucificado exatamente pela coragem de contrapor-se ao poderio sacerdotal, àquela verdadeira ditadura religiosa.

Infelizmente, com o passar dos tempos, o eixo da mensagem cristã foi se desviando, saindo da área do estudo, da meditação à luz da oração consciente, passando às práticas exteriores.

Essas verdades religiosas simples, que estiveram ao alcance de humildes pescadores, de viúvas e de deserdados, foram, com o passar do tempo, relegadas a segundo plano, tendo sido postos em primeiro lugar o ritual, a solenidade, o manuseio de objetos de culto, a vela, o vinho, a fumaça, os cantochãos, todo um conjunto imenso de práticas exteriores alienantes, buscadas no Judaísmo e no paganismo romano, que distanciavam o homem cada vez mais do esforço de auto-aprimoramento preconizado por Jesus.

Os pronunciamentos libertadores de Jesus não foram objeto de estudo pelos teólogos, que criaram as liturgias, os sacramentos, e, pior ainda, a hedionda teoria das penas eternas, desfazendo a imagem do Deus Misericordioso, tão bem delineada pelo Mestre.

A mensagem cristã foi apequenada, podada, enxertada por aque-

les que dela se apossaram, construindo uma religião atemorizadora e salvacionista, com base em atitudes místicas e na crença de que seria o sangue de Jesus o remissor dos pecados da Humanidade. Foi enfatizada a adoração extática a Jesus-morto, em detrimento do esforço em seguir Jesus-vivo.

Mas, o Mestre, conhecedor da fragilidade humana, sabia que, de alguma forma, isso iria acontecer, razão por que prometeu o Consolador: “Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de

tudo quanto vos tenho dito.” (João, 14:26.)

Cumprindo sua promessa, enviou-nos o Espiritismo, que não é apenas mais uma religião cristã, mas o próprio Cristianismo primitivo, que ressurgiu na sua pureza, pujança e objetividade originais, destacando-se das demais religiões, pelo menos das do Ocidente, pelo seu aspecto altamente educativo. ■

BIBLIOGRAFIA:

A Bíblia Sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. Ed. Sociedade Bíblica Britannica e Estrangeira – 1937.

O ódio

Inaldo Lacerda Lima

“Ouvistes que foi dito: Amareis o vosso próximo, e odiareis os vossos inimigos. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam.”

Ah!... O ódio, irmão, é um cáustico terrível,
é fogo que tortura a própria mente,
que entenebrece o ser, pois impossível
é Deus estar presente em quem o sente!...

De todas as paixões que a um ser sensível
possa atingir desordenadamente,
nenhuma existe, enfim, mais corrosível
que a ira expressa em ódio atro e fremente!...

Nunca odeies a ninguém, prezado irmão,
envenenando o próprio coração,
condenando-o a bulhões sem paz, sem luz...

Portanto, a quem te fere ou calunia
perdoa sempre à Fé que hoje te guia
aos sublimados braços de Jesus!

Pregações

“E ele lhes disse: Vamos às aldeias vizinhas para que eu ali também pregue; porque para isso vim.”
– (Marcos, 1:38.)

Neste versículo de Marcos, Jesus declara ter vindo ao mundo para a pregação. Todavia, como a significação do conceito tem sido erroneamente interpretada, é razoável recordar que, com semelhante assertiva, o Mestre incluía no ato de pregar todos os gestos sacrificiais de sua vida.

Geralmente, vemos na Terra a missão de ensinar muito desmoralizada.

A ciência oficial dispõe de cátedras, a política possui tribunas, a religião fala de púlpitos. Contudo, os que ensinam, com exceções louváveis, quase sempre se caracterizam por dois modos diferentes de agir. Exibem certas atitudes quando pregam, e adotam outras quando em atividade diária. Daí resulta a perturbação geral, porque os ouvintes se sentem à vontade para mudar a “roupa do caráter”.

Toda dissertação moldada no bem é útil. Jesus veio ao mundo para isso, pregou a verdade em todos os lugares, fez discursos de renovação, comentou a necessidade do amor para a solução de nossos problemas. No entanto, misturou palavras e testemunhos vivos, desde a primeira manifestação de seu apostolado sublime até a cruz. Por pregação, portanto, o Mestre entendia igualmente os sacrifícios da vida. Enviando-nos divino ensinamento, nesse sentido, conta-nos o Evangelho que o Mestre vestia uma túnica sem costura na hora suprema do Calvário.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, Verdade e Vida*. 21. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2001, cap. 38, p. 91-92.

Esquecimento das vidas passadas

Gil Restani de Andrade

Por que perde o Espírito encarnado a lembrança do seu passado? “Não pode o homem, nem deve, saber tudo. Deus assim o quer em sua sabedoria. Sem o véu que lhe oculta certas coisas, ficaria ofuscado, como quem, sem transição, saísse do escuro para o claro. Esquecido de seu passado, ele é mais senhor de si.”

(O Livro dos Espíritos, q. 392.)

Dentre os obstáculos interpostos para a compreensão, o entendimento e a aceitação da reencarnação como a verdade inelutável que é, encontra-se o questionamento feito com frequência sobre o fato de não nos lembrarmos das vidas anteriores.

Vários e numerosos são os argumentos explicativos sobre essa deliberação divina para cada retorno à vida carnal, podendo-se citar, do ponto de vista científico:

- O restringimento do perispírito no processo reencarnatório;
- O estado de perturbação que acompanha o Espírito reencarnante;
- A imaturidade das células no sistema nervoso central, nos primeiros anos de vida.

O momento exato da reencarnação ocorre quando da fecundação

do óvulo feminino pelo gameta masculino, mas, precedendo esse momento tão especial, onde a atuação divina se faz presente, muitas outras ações são necessárias, no Plano Espiritual.

No livro *Missionários da Luz* (André Luiz/Francisco Cândido Xavier), tais providências são descritas de forma magistral, no episódio que trata da reencarnação de Segismundo. A ligação fluídica do reencarnante com os futuros pais implica na perda dos pontos de contato com os vínculos que consolidou na esfera espiritual: alimentação diferenciada, novos hábitos e outros elementos, dos quais “é necessário que se desfaça, para penetrar, com êxito, a corrente da vida carnal.” Por interveniência da Espiritualidade, atuando através de poderosa carga magnética, é procedida uma redução do corpo perispírico do reencarnante, até que sua forma se assemelhe à de uma criança. Os Espíritos induzem a vontade do reencarnante, através de mensagens de incentivo: “(...) Imagine sua necessidade de tornar a ser criança para aprender a ser homem!” Esse fato corresponde à morte física carnal, com todas as suas características de perturbação.

O Instrutor Alexandre expõe, comparando: “(...) A enfermidade mortal, para o homem terreno, não deixa, em certo sentido, de ser pro-

longada operação redutiva, libertando por fim a alma, desembaraçando-a dos laços fisiológicos (...).”

Necessário se diga que o procedimento de restringimento do perispírito não é o mesmo em todos os processos reencarnatórios: “(...) Há companheiros de grande elevação que, ao voltarem à esfera mais densa em apostolado de serviço e iluminação, quase dispensam o nosso concurso. Outros irmãos nossos, contudo, procedentes de zonas inferiores, necessitam de cooperação muito mais complexa que a exercida no caso de Segismundo.”

O iluminado mentor Emmanuel, guia espiritual de Chico Xavier, no livro *Religião dos Espíritos*, oferece novas luzes sobre estes tópicos: “Encetando uma nova existência corpórea, para determinado efeito, a criatura recebe, desse modo, implementos cerebrais (...) no domínio das energias físicas, e, para que se lhe adormeça a memória, funciona a hipnose natural como recurso básico, de vez que, em muitas ocasiões, dorme em pesada letargia, muito tempo antes de acolher-se ao abrigo materno. Na melhor das hipóteses, quando desfruta de grande atividade mental nas esferas superiores, só é compelida ao sono, relativamente profundo, enquanto perdure a vida fetal. Em ambos os casos, há prostração psíquica nos primeiros sete anos de

tenra instrumentação fisiológica dos encarnados, tempo que se lhes reaviva a experiência terrestre.

Temos, assim, mais ou menos três mil dias de sono induzido ou hipnose terapêutica, a estabelecerem enormes alterações nos veículos de exteriorização do Espírito, as quais, acrescidas às conseqüências dos fenômenos naturais de restringimento do corpo espiritual, no refúgio uterino, motivam o entorpecimento das recordações do passado, para que se alivie a mente na direção de novas conquistas (...).”

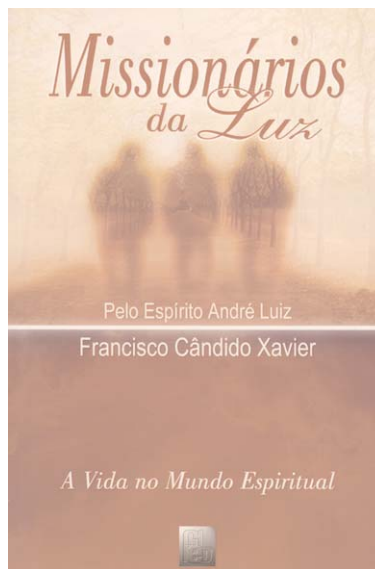
No livro *O Pensamento de Emmanuel*, do estimado irmão Martins Peralva, lê-se, no capítulo 20: *“Com o encolhimento do veículo perispiritual – operação redutiva, por ação magnética – submete-se o Espírito às limitações corporais, com o que, praticamente, enclausura-se na libré física, alterando-se-lhe, em conseqüência, o movimento vibratório do perispírito.”*

Do ponto de vista moral, o Codificador Allan Kardec enumera as principais razões para o olvido do passado:

• **As perturbações da vida contingente, no lar e na sociedade:** Se o reencarnante reconhecesse as pessoas que havia odiado, talvez o ódio reaparecesse, sendo certo que ficaria humilhado perante quem houvesse ofendido. Importa acrescentar que a reencarnação, normalmente, ocorre dentro do mesmo círculo de relacionamento da vida anterior.

Como seria a vida de relação entre pai e filho, se aquele reconhecesse no filho seu assassino de antanho? No livro *Nosso Lar* (André Luiz/Francisco Cândido Xavier), a senhora mãe de André Luiz comu-

nica-lhe que deverá partir para nova reencarnação, quando então será, novamente, esposa de Laerte, seu pai carnal, o qual, no Plano Espiritual, achava-se em zona trevosa, ainda magnetizado, em termos obsidianes, a duas entidades femininas, suas amantes na última vida física; dizia mais: que receberia as duas entidades como suas filhas queridas, na vida carnal futura. Ora, sem o esquecimento do passado, como seria o relacionamento dessas criaturas, na vida de relação na Terra?



• **O maior mérito em praticar o bem e exercitar o livre-arbítrio:** Em *O Evangelho segundo o Espiritismo* (capítulo V, item 11) encontramos: *“Para nos melhorarmos, outorgou-nos Deus, precisamente, o de que necessitamos e nos basta: a voz da consciência e as tendências instintivas (...).*

Ao nascer, traz o homem consigo o que adquiriu, nasce qual se fez; em cada existência, tem um novo ponto de partida.”

Léon Denis, em *O Grande Enigma*, lembra-nos a citação evangélica:

“Infeliz daquele que, tendo posto a mão na charrua, olhar para trás.”

Efetivamente, neste mundo de provas e expiações, onde o peso das dificuldades, às vezes, verga a mais rija vontade, se fossem somados os equívocos do passado, a criatura não poderia cuidar de seu progresso, tendo um óbice muito forte à sua evolução. Quantas ocorrências desta vida somos levados a esquecer, propositadamente, para liberar nossa vontade para agir.

Neste caso, o esquecimento é fator de estímulo ao progresso. Com muito mais razão, é justo que seja promovido o esquecimento das vidas anteriores, onde os erros, possivelmente, serão tão mais marcantes. Ainda no livro *Nosso Lar*, já especificado, o Espírito D. Laura informa a André Luiz que lhe fora permitido o acesso, no Ministério do Esclarecimento, ao registro de suas anteriores reencarnações, até o limite de 300 anos, porque mais do que isso, não suportaria.

Como nos afirma Léon Denis, em *O Problema do Ser, do Destino e da Dor* (Ed. FEB): *“É necessário a ignorância do passado para que toda a atividade do homem se consagre ao presente e ao futuro, para que se submeta à lei do esforço e se conforme com as condições do meio em que renasce.”*

• **Recordações humilhantes e orgulhosas:** Diz Léon Denis, em *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*: *“Todos os criminosos da História, reencarnados para expiar, seriam desmascarados; as vergonhas, as traições, as perfídias, as iniquidades de todos os séculos seriam de novo assoalhadas à nossa vista.”*

Com que proveito? Em caso de termos tido uma vida de grandes

realizações no bem, tais fatos não funcionariam como impeditivos à nossa evolução, isto no caso de não nos debruçarmos no orgulho por termos tido tal comportamento? Teríamos de ser ainda melhores na nova vida.

Em *Obras Póstumas* (Ed. FEB), Allan Kardec faz excelente observação, a respeito, no item “O caminho da vida”: “(...) *que proveito pode o homem tirar de suas existências anteriores, para melhorar-se, dado que ele não se lembra das faltas que haja cometido. O Espiritismo responde, primeiro, que a lembrança de existências desgraçadas, juntando-se às misérias da vida presente, ainda mais penosa tornaria esta última. Desse modo, poupou Deus às suas criaturas um acréscimo de sofrimentos. Se assim não fosse, qual não seria a nossa humilhação, ao pensarmos no que já fôramos! Para o nosso melhoramento, aquela recordação seria inútil. Durante cada existência, sempre damos alguns passos para a frente, adquirimos algumas qualidades e nos despojamos de algumas imperfeições. Cada uma das tais existências é, portanto, um novo ponto de partida, em que somos qual nos houermos feito, em que nos tomamos pelo que somos, sem nos preocuparmos com o que tenhamos sido. (...)*”

• **Os preconceitos raciais, sociais, religiosos etc.:** Prevalcem em nosso mundo os preconceitos. Imagine-se as criaturas tendo lembranças de terem sido integrantes de famílias nobres ou extremamente humildes, de terem sido de famílias tradicionais de certos credos religiosos etc. Na Índia, por exemplo, ainda predominam os conceitos de casta. Como viveriam, sa-

bendo que, em vida anterior, integraram tal ou qual casta, inferior ou superior? E alguém que, tendo sido judeu em uma vida, tenha renascido como palestino?

Sem a paz do esquecimento transitório, talvez a Terra deixasse de ser uma escola abençoada para ser um ninho abominável de ódios perpétuos

No livro *Renúncia* (Emmanuel/Francisco Cândido Xavier), encontramos uma frase lapidar, que encerra toda uma filosofia a respeito do esquecimento das vidas passadas: “*Sem a paz do esquecimento transitório, talvez a Terra deixasse de ser uma escola abençoada para ser um ninho abominável de ódios perpétuos.*”

Entretanto, a Codificação Espírita nos leciona que examinando as nossas aptidões e inclinações, podemos inferir de nosso passado e buscar elementos para nossa reestruturação moral e intelectual. Mais: não é somente após a morte que o Espírito terá recordações de suas outras existências. Muitas vezes, quando Deus julga útil, permite que o Espírito, durante o desdobramento natural do sono, tenha lem-

branças fragmentárias de outras encarnações. Mesmo não recordando totalmente delas ao acordar, as manterá no campo psíquico sob a forma de reflexos e condicionamentos positivos que, nos momentos de dúvida, podem ser preciosos elementos de auxílio na tomada de decisões corretas.

São as “Reminiscências Construtivas”, de que nos informa Martins Peralva, em *O Pensamento de Emmanuel*, concluindo: “(...) *embora vagas, ou talvez por isso mesmo, constituem incentivo e sustentação para o Espírito em nova experiência, considerando-se que representavam valiosa ponte entre o Ontem e o Hoje, na áspera caminhada para o Amanhã.*” ■

BIBLIOGRAFIAS:

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 83. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, Parte 2ª, cap. VII, p. 214.

_____. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 121. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2003, cap. V, item 11, p. 105.

_____. *Obras Póstumas*. 30. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2001, p. 188.

XAVIER, Francisco C. *Missionários da Luz*, pelo Espírito André Luiz. 38. ed., Rio de Janeiro: FEB, cap. 13, p. 270 e 272.

_____. *Nosso Lar*, pelo Espírito André Luiz, FEB.

_____. *Religião dos Espíritos*, pelo Espírito Emmanuel. 14. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2001, Esquecimento e reencarnação, p. 111-112.

_____. *Renúncia*, pelo Espírito Emmanuel. FEB.

DENIS, Léon. *O Grande Enigma*. 11. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1999, cap. XV, p. 196.

_____. *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*. FEB.

PERALVA, José Martins. *O Pensamento de Emmanuel*. 7. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2000, cap. 20, p. 136 e 138.

O Espiritismo é milenar

Rildo G. Mouta

As idéias e as práticas espíritas são milenares. Basta abrímos livros sagrados antigos, e encontraremos, ali registrados, pensamentos e mesmo fatos que, hoje em dia, se somam àqueles formadores da base da Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec. Isso vem atestar a antigüidade das comunicações entre vivos e “mortos”, e contestar todos os que, malevolamente, tentam diminuir a importância das mesmas para o progresso da Humanidade.

Já os homens da Pré-história, por exemplo, na chamada época neolítica, ao sepultarem seus mortos, colocavam junto aos cadáveres armas e adornos, num testemunho inequívoco de que acreditavam na vida futura.

Na secular Índia, diziam os Vedas: “Há uma parte imortal no homem, o Agni; ela é a que é preciso rescaldar com teus raios, inflamar com os teus fogos. De onde nasce a alma? Uma vem para nós e partem; outras partem e voltam”. Krishna ensinava aos seus discípulos: “O corpo, envoltório da alma, que nele faz sua morada, é uma coisa finita, porém a alma que o habita é infinita, imponderável, imortal.” E acrescentava: “Nascemos muitas vezes.” Buda, cerca de seiscentos anos antes de Cristo, após entrar em transe, comunicava-se com as almas dos chamados mortos.

No Egito, a esfinge – corpo de touro, garras de leão, asas de águia e cabeça de mulher – simbolizava a

imagem do homem que, saindo da animalidade, atinge nova existência.

Na antiga Grécia, o filósofo Pitágoras chamava de Espírito ou inteligência a parte imortal e ativa do ser humano, afirmando ser a alma o Espírito envolvido em seu corpo fluídico, etéreo. Sócrates dizia ter o seu Daimon ou gênio. Platão, um dos fundadores da escola de Alexandria, admitia a teoria das transmigrações das almas ou encarnações, registrando-a em suas obras – *Fedro*, *Fedon* e *Timeo*.

Na Gália, os druidas acreditavam nas reencarnações progressivas da alma que, segundo eles, percorria três ciclos, correspondentes a três estados sucessivos. No primeiro, sofria o jugo da matéria, ou seja, o período animal; no segundo, penetrava nos mundos de expiações e provas, entre eles a Terra; e, no terceiro, entrava nos mundos beatificados ou alegres, onde penetrava em meio à espiritualidade maior, iluminada, atingindo, tempos depois, o ciclo do infinito, isto é, aquele pertencente a Deus.

Com o advento do Cristianismo, após a vinda do Cristo, a Humanidade começou, então, a receber, através dEle, uma outra revelação, isto é, o ensinamento até aquele momento oculto aos homens, e lhes mostrou, “sob formas ainda desconhecidas, um poder de amar, uma doçura penetrante, uma fé comunicativa, que fundia a frieza glacial dos cétricos e arrebanhava os ouvintes, arrastando-os após si” (palavras de Léon Denis, no livro *Depois da Morte*).

Depois, começaram a vir os chamados tempos modernos e, com eles, outra gama de antecessores do Espiritismo codificado. No século XVIII surgiram as visões e estudos do sábio sueco Swedenborg, as profecias de Cagliostro, as manifestações da vidente de Prevorst, tão bem estudadas pelo Dr. Justinus Kener, em sua obra *A Vidente de Prevorst* publicada em 1829, na Alemanha; os *rappings* ou pancadas ocorridas na aldeia norte-americana de Hydesville em 1848; os fenômenos das “mesas girantes” que se espalhavam rapidamente por todo o mundo. Inicialmente, no norte da Escócia, em 1852, com o chamado “moderno espiritualismo”, exportado dos Estados Unidos, principalmente por meio da famosa médium, Sra. M. B. Hayden, que chegou a converter ao espiritualismo famosas personalidades, entre elas o não menos famoso reformador social Robert Owen.

Aqui terminamos essas nossas pequenas considerações, a respeito de tão importante assunto, sabendo, porém, ser muito pouco, ainda, para mostrarmos o grande número de antecessores do Espiritismo.

E as fechamos com pequena transcrição da Introdução, item I à obra *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec: “(...) O Espiritismo se nos depara por toda a parte na antigüidade (...) Por toda a parte se lhe descobrem os vestígios: nos escritos, nas crenças e nos monumentos (...)” ■

Rotary International e Esperanto

Affonso Soares

Por ocasião da 93ª Convenção Anual do Rotary International, realizado em 2002 na cidade espanhola de Barcelona, os mais de 19.000 rotarianos ali reunidos, oriundos de 146 países, puderam ainda mais intensamente motivar-se para a prática dos generosos princípios éticos daquela grande organização, inspirando-se na divisa que naquele ano foi escolhida para as suas atividades mundiais: “Plante Sementes de Amor”.

Nossos queridos co-idealistas do tríplice ideal EEE (Evangelho, Espiritismo, Esperanto), o casal Giuseppe e Úrsula Grattapaglia, que também são rotarianos, com intensa atuação no Rotary Club de Alto Paraíso (GO), lá estiveram para, como afirmou Giuseppe, “plantar as primeiras Sementes de Amor ao Esperanto”, com a esperança de vê-las já germinando quando da próxima Convenção Anual, que já aconteceu na cidade australiana de Brisbane.

Os resultados certamente foram animadores e fecundos, pois em 2003 o Secretário-geral, em Chicago, aceitou proposta, enviada pelos Distritos 4530 (Distrito Federal, Goiás e Tocantins) e 4410 (Vitória-ES) para uma Resolução no sentido de que o Esperanto seja

gradualmente introduzido nos clubes rotários de todo o mundo, sem qualquer custo adicional para a organização.

A estratégia adotada na proposta para a conscientização dos rotarianos sobre a utilidade do Esperanto levou em conta a tremenda dimensão do problema lingüístico com que se defronta uma comunidade organizada em 32.000 clubes, espalhados em 166 países e usando 10 línguas oficiais.

Os dois Distritos acima mencionados também tiveram o cuidado de não sugerir a adoção do Esperanto como 11ª língua oficial, pois que uma proposta dessa natureza, por implicar elevação de custos com tradução e interpretação, fatalmente determinaria a sua rejeição.

O texto também é embasado em dois argumentos a que a generosa comunidade rotariana é particularmente sensível: o Esperanto é uma solução do problema lingüístico em plena sintonia com os direitos humanos, e sua adoção se enquadrava perfeitamente na famosa regra *four-way-test* (teste dos quatro critérios), tão cara aos rotarianos – *o que você faz, diz e pensa é justo, verdadeiro, oportuno e honesto?*

A proposta de nossos dois ativos “esperotarianoj” (expressão em Esperanto que define a condição de esperantista-rotariano) repercutiu de modo tão simpático nos círculos

do movimento esperantista neutro que o portal esperantista “gxangalo” www.gxangalo.com publicou um excelente texto sobre o assunto, produzido por Lucas Yassumura, redator do *Esperanto-Brasil*, no endereço (URL)

<http://gxangalo.com/brazilo/article.php/storyid=13>, que abaixo transcrevemos como arremate desta notícia:

“Mais de 32.000 clubes espalhados em mais de 160 países, que usam 10 línguas oficiais entre si. Esta verdadeira Babel é um cenário promissor para o Esperanto apresentar sua proposta de unificação lingüística? Os membros do Rotary International que falam Esperanto acreditam que sim. Úrsula Grattapaglia analisa a condução do Esperanto no Rotary International.

O movimento de 32.000 clubes em 166 países pode causar problemas lingüísticos a qualquer tipo de organização. O Rotary International, apesar do nome em inglês, tenta ser uma instituição verdadeiramente internacional que promove a paz e o bem-estar em todo o planeta. Nascida praticamente na mesma época do surgimento do Esperanto, no começo do século passado, mais precisamente em 1905, está ciente da necessidade de um idioma neutro em sua organização internacional. A partir daí, surgiu um grupo chamado “esperotarianoj”, composto de membros espe-

rantistas do Rotary International (RI).

Os representantes de 530 distritos ao redor do mundo receberão em breve uma documentação detalhada sobre a proposta por uma resolução que conduza gradativamente o Esperanto para ser uma das dez línguas oficiais do RI. 'Finalmente, centenas de pessoas suficientemente inteligentes deverão se preocupar com o problema lingüístico e com uma solução eventual, mesmo que votem contra', confia Úrsula Grattapaglia. 'Outro ponto da proposta é não criar encargos financeiros ao RI. Se pedíssemos que o RI usasse o Esperanto como a décima primeira língua, isso acarretaria em milhões de traduções e interpretações, bloqueando a aprovação da proposta por razões financeiras. Comprendemos que se trata somente de uma recomendação – da mesma forma como o que acontece com a Unesco –, mas já é um bom começo para uma conscientização concreta', completa.

O texto da proposta diz que o Rotary International, para facilitar e promover a paz, 'deve considerar uma condução gradual da língua neutra internacional nos clubes ao redor do mundo, sem custos adicionais, para ser uma segunda língua ao lado das línguas naturais'. O Secretário Mundial do RI abordará o assunto durante o Conselho Legal em junho de 2004, na cidade de Evanston, Estado de Illinois, nos EUA. Nessa ocasião, estarão reunidos os delegados de 530 distritos para votarem pelas melhorias da organização. Esse evento ocorre a cada três anos."

...

Os esperantistas-espíritas, que igualmente sonhamos com a adoção do Esperanto como língua para as relações internacionais da família espírita mundial, devemos refletir sobre a sutileza com que o círculo de esperantistas rotarianos organiza a sua estratégia para atingir o mesmo fim: tudo a seu tempo, sem saltos demasiado largos e intempestivos, preparando-se o futuro com o material e as circunstâncias disponíveis no presente e tendo-se sempre em mente que o progresso se faz, inexoravelmente, tanto pelo sacrifício das almas de vanguarda como pela própria força das coisas.

Os Espíritos Superiores têm prestigiado e incentivado a propaganda, o ensino e a utilização do Esperanto

A inércia ante os impositivos da evolução é forte traço característico das coletividades humanas, mesmo entre aquelas que já empunham estandartes que anunciam novos tempos, novos ideais, mas contra o progresso não há obstáculos invencíveis.

A idéia de uma língua internacional neutra para as relações entre os povos, como toda idéia efetiva-

mente progressista, não será aceita por imposições de cima para baixo, por leis, decretos, resoluções de congressos ou iniciativas semelhantes.

Assim também será entre nós, os que compomos o círculo de esperantistas adeptos do Espiritismo. O início da difusão se deu no seio da família espírita do Brasil, e agora, quando se forma a grande família espírita mundial, a idéia se espalhará entre os seus membros, levada com paciência, espírito fraterno e a inabalável convicção de que tal objetivo está nos desígnios superiores, sendo, portanto, digno de ser perseguido e atingido. Mas, sem precipitações prejudiciais, a fim de que não se retarde a sua consecução.

Os círculos espíritas de outras terras mostram-se receptivos, sensíveis à generosa idéia, e uma das mais concretas provas se revela nas iniciativas do Conselho Espírita Internacional a respeito do tema. E tudo em perfeita consonância com o espírito da Doutrina, que é o mesmo espírito do Evangelho: nenhuma imposição, mas tão-somente persuasão, argumentação bem fundamentada e, sobretudo, bastante paciência sustentada pela fé e pela esperança. Jamais percamos de vista que os Espíritos Superiores têm prestigiado e incentivado a propaganda, o ensino e a utilização do Esperanto no seio do Movimento. Eis, entre tantos outros, um forte motivo para que nunca desanimemos, sempre perseveremos, absolutamente certos de que trabalhamos para o futuro, para a construção da Nova Era, em que certamente brilhará a estrela do Esperanto. ■

Das baratas

Richard Simonetti

Não era um modelo de dona de casa, meio para a displícência.

Não obstante, esforçava-se por evitar restos de alimentos ao léu e acúmulo de pratos e panelas por lavar, mantendo relativa ordem na cozinha.

Isso porque, como é próprio da sensibilidade feminina, guardava instintivo horror às baratas.

Elas costumavam fazer incursões quando seu lado desleixado aflorava.

Então, literalmente, sapateava, espavorida, a gritar socorro, como se ameaçada por monstros.

Depois, reclamava, indignada:

– Só queria saber por que Deus criou esse bicho indecente!

Em meio a um desses chiques, o filho de sete anos, na sua inocência, tentou uma explicação:

– Será, mamãe, que não foi para você botar ordem na cozinha?

...

Bem, caro leitor, certamente não foi para isso apenas, mesmo porque as baratas são fósseis vivos.

Povoam o Planeta há milhões de anos, muito antes do aparecimento do Homem, antes que existissem donas de casa às voltas com elas na cozinha.

Terá sido um cochilo divino, um erro de planejamento?

Considerando que o Criador “*é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas*”, como está na questão primeira de *O Livro dos Espíritos*, certamente não agiu como mero aprendiz de feiticeiro ou um doutor Frankenstein a dar o spro da vida a aberrações.

Obviamente, o Eterno tinha um objetivo ao colocar em nosso planeta esse famigerado ortóptero, da família dos blatídeos, vulgo “barata”.

**A evolução é via
de mão única.
Para nossa felicidade
jamais retornaremos a
estágios inferiores da
Criação**

Quando não benéfico estimulante da limpeza na cozinha, e outras funções menos conhecidas, temos nele um dos estágios pelos quais passa o princípio espiritual em evolução, no desdobramento de experiências necessárias ao seu acrisolamento, a caminho da razão.

Não fique perplexo, leitor amigo. É isso mesmo!

Provavelmente já andamos por lá, no reino das baratas, em priscas

eras, quando éramos apenas um projeto de Espírito, tanto quanto animamos multifários seres, no reino vegetal e animal, até que começássemos a exercitar o bestunto.

...

Ainda que desconhecendo, talvez, tais meandros da evolução anímica, Franz Kafka (1883-1924), o genial escritor tcheco, descreve em *Metamorfose* a aterradora experiência de um homem que se transforma numa barata.

“*Numa manhã, ao despertar de sonhos inquietantes, Gregório Samsa deu por si na cama transformado num gigantesco inseto. Estava deitado sobre o dorso, tão duro que parecia revestido de metal, e, ao levantar um pouco a cabeça, divisou o arredondado ventre castanho dividido em duros segmentos arqueados, sobre o qual a colcha dificilmente mantinha a posição e estava a ponto de escorregar. Comparadas com o resto do corpo, as inúmeras pernas, que eram miseravelmente finas, agitavam-se desesperadamente diante de seus olhos...*”

Horripilante fantasia, que inverte a ordem natural e evoca a metempsicose.

Doutrina milenar, presente nas tradições religiosas das mais antigas culturas, é uma idéia equivocada, a contrariar a realidade proposta pela Doutrina Espírita:

A evolução é via de mão única.

Para nossa felicidade jamais retornaremos a estágios inferiores da Criação.

Creio que você já ouviu, amigo leitor, em relação a certas pessoas, expressões assim: *barata tonta* (não sabe o que faz), *entregue às baratas* (sem rumo, abandonado, negligenciado), *sangue de barata* (não reage às provocações).

Pois é! Se existisse a involução,

teríamos a ficção de Kafka transformada em realidade.

Há muita gente “preparada” para isso!

...

Em sua infinita sabedoria o Criador estabelece que, além de servir de degrau para o princípio espiritual em evolução, os seres inferiores tenham outras utilidades, favo-

recendo o equilíbrio ecológico que sustenta a vida na Terra.

Às baratas reservou, também, a nobre missão de estimular disciplinas que nos ajudam a vencer a displicência que caracteriza o ser humano, no estágio de evolução em que nos encontramos, envolvendo, não raro, a higiene e a limpeza.

Abençoada barata! ■

A causa, o efeito e o equilíbrio

Mauro Paiva Fonseca

Sem dúvida, a liberdade é o principal atributo concedido pelo Criador, que caracteriza a existência das criaturas. Desde os primórdios de sua origem, o ser exerce o sagrado direito da opção, sempre regido, automaticamente, pelo grau de responsabilidade que haja alcançado.

No exercício pleno desse direito, lançando-se na busca da satisfação das necessidades e interesses, o pensamento, planejando a ação, aciona a intenção e a vontade, corporificando o ato e criando, deste modo, as causas das quais se origina o determinismo, que o automatismo da Justiça Divina impõe, como fator indispensável ao cumprimento da grande lei que preside os destinos de todos os seres.

Assim, no uso pleno do próprio livre-arbítrio, ligamos rigidamente causa e efeito; isto é: dependendo da natureza da causa, será a natureza do efeito! Dos complexos motivos geradores da causa, nascerá a complexidade do efeito, representando a infinita variedade de conseqüências, cujo desenrolar ficará intrinsecamente estabelecido.

Esta é uma lei que providência alguma poderá mudar; é a grande Lei Causal que preside à vida e a governa, onde ela exista: do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, do microcosmo ao macrocosmo!

Há que compreender-se, no entanto, que embora toda causa gere um efeito, a sujeição da criatura às conseqüências do efeito poderá acontecer ou não! A fatalidade não existe, senão para determinar o efeito decorrente do ato praticado. Não teremos, assim, que sofrer inevitavelmente as conseqüências dos atos do passado. Quando por ingentes esforços o devedor demonstre haver-se modificado, superando radicalmente as imperfeições que originaram aquele ato, os Espíritos Superiores, encarregados de fazer cumprir os desígnios do Altíssimo, poderão, com seus poderes e prerrogativas, livrá-lo das conseqüências geradas ou amenizá-las, consoante o mérito que já haja conquistado, e a maior ou menor influência que esses acontecimentos tenham, no objetivo do progresso espiritual a ser alcançado.

Uma vez que a santificação e a angelitude são estados de alma que estamos longe de possuir, pois são apanágio dos que já superaram as barreiras das imperfeições e fraquezas, comuns aos habitantes do nosso planeta, resta-nos buscar o permanente equilíbrio. Só assim teremos possibilidade de progredir sem os graves sofrimentos, que são, em realidade, a terapia para cura da rebeldia, da revolta, da negligência, do orgulho, da vaidade e de outros tantos sentimentos mais, desta mesma natureza.

O grau de perfeição alcançado se expressará pelo equilíbrio entre o intelecto e a moral. Toda vez que for violado este equilíbrio, por não se haver aplicado na vida de relação o fruto do conhecimento adquirido, cria-se o desequilíbrio, e com ele, as conseqüências dos compromissos e resgates. ■

Floriano Moinho Péres

Antonio Lucena

Depois de um longo período de sofrimento, preso ao leito, regressou ao Plano Espiritual o companheiro Floriano Moinho Péres, no dia 28 de novembro de 2003. O sepultamento de seu corpo ocorreu no fim da tarde do mesmo dia, no Cemitério da Colina, em Niterói (RJ), com expressivo acompanhamento.

Floriano Moinho Péres nasceu no dia 4 de agosto de 1915, filho do Sr. Segundo Moinho Péres e D. Angelina Martins Péres. Era natural de Niterói, onde realizou todos os estudos preliminares, depois ingressou no Colégio Salesiano, em Santa Rosa, na mesma cidade, realizando por fim o Curso de Direito na Faculdade Clóvis Bevilacqua em Campos (RJ), até o terceiro ano, quando obteve transferência para a Faculdade de Direito de Niterói, formando-se na turma de 1940.

Era inscrito na OAB-RJ, desde 1945, estando constantemente em exercício no Fórum de Niterói. Foi funcionário do extinto INAMPS, na função de administrador, onde exerceu também várias outras funções, como, por exemplo, chefe da seção de contencioso, chefe do pessoal, presidente de banca examinadora, supervisor de concursos públicos, presidente de comissões de inquérito, até sua aposentadoria.

Floriano realizou muitas tarefas na Doutrina Espírita. Durante 14



anos apresentou na Rádio Rio de Janeiro o programa “Mensagem para Você”, colaborou com a imprensa espírita e não espírita, em jornais como *Itaborayense*, *Correio da Manhã* e *O Fluminense*, de Niterói; órgãos doutrinários, como *Aurora*, *Jornal Espírita*, *Revista Internacional de Espiritismo*, *O Clarim*, *Mundo Espírita* etc.

Associou-se à Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro (FEERJ), e foi seu presidente por mais de 15 anos, empreendendo grandes esforços para a construção da monumental sede própria, num edifício de vários andares, onde também funciona uma grande livraria.

Deixou prontos diversos livros de sua lavra, que até hoje não foram editados.

Floriano era casado com D. Luzia Machado Péres, também nossa confreira. Tiveram dois filhos: Sônia Luzia Machado Péres e Floriano Moinho Péres Júnior.

Pertenceu ele a diversas Academias, dentre as quais a Academia Anapolina de Filosofia, Academia Goianense de Letras, Academia de Estudos Literários e Lingüísticos de Anápolis, e ao Instituto Histórico e Geográfico Goiano.

Ingressou no Espiritismo quando participou de um estudo sobre *O Evangelho segundo o Espiritismo*, na residência do confrade Norberto Herdy Boechat, no bairro do Fonseca. Em seguida, associou-se à Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro.

Suas atividades no Espiritismo convergiram para muitas facetas. Usando a fé raciocinada, inaugurou com sua digníssima esposa o culto do Evangelho no Lar. Foi eleito Secretário da FEERJ, Vice-Presidente e depois Presidente.

Expositor de muitos recursos, percorreu todo o Estado do Rio de Janeiro. Nessa tarefa, visitou diversos outros Estados. Participou de muitos eventos, como: Semanas Espíritas, Congressos, Cultos Ecumênicos e outros. Ele e sua esposa foram muito dedicados à evangelização das crianças e à orientação dos jovens, tendo instituído diversos cursos intensivos, com a participação de companheiros de diversos Estados brasileiros e do interior do Rio de Janeiro.

Foi muito amigo da FEB, tendo mantido com o Presidente A. Wantuil de Freitas contacto permanente, num entendimento harmônico e frutuoso. ■

Jesus acima das ondas

João Martins e Martins da Silva

“Vendo que se fatigavam a remar, pois o vento lhes era contrário, pela quarta vigília da noite, dirigiu-se a eles, caminhando sobre o mar.”

(Marcos, 6:48.)

Os discípulos haviam iniciado a travessia do mar da Galiléia na tarde do dia anterior, após a multiplicação de pães. Jesus mandou-os passar para a outra margem, embora ele próprio permanecesse em terra para dispersar a multidão. Além disso, queria ficar sozinho, em colóquio com o Pai, através da prece.

A alvorada já avançava noite adentro, combatendo a escuridão e anunciando a chegada de um novo dia. O barco, porém, posicionando-se ainda na metade do caminho, lutava contra violenta tempestade de vento que soprava em direção contrária, dificultando o seu avanço.

Dentre os discípulos, os encarregados dos remos – tudo fazendo para manter o barco à tona – já se encontravam quase exauridos, pelo esforço de remarem na escuridão desde a tarde do dia anterior, contra o vento forte e o mar revoltado.

Repentinamente, levitando acima das ondas, qual aparição divina, Jesus aproxima-se do barco, inundando de luz a escuridão adjacente e deixando atemorizados aqueles experimentados homens do mar. É bem possível que qualquer pessoa

naquelas circunstâncias também sentisse medo, vendo aproximar-se uma figura luminosa, acima das ondas e indene aos efeitos do vento e da fúria do mar.

Os discípulos, pessoas simples e rudes, estavam acostumados a navegar em meio às tempestades. Até então só estavam fatigados, mas não evidenciavam medo da fúria do vento e das ondas. Mas à vista daquela visão luminosa, puseram-se a gritar, acreditando tratar-se de um fantasma.

Profundo conhecedor da natureza humana, Jesus apressa-se a se identificar, dizendo afetuosamente:

– Tende ânimo, sou eu, não temais!

O Evangelista Mateus acrescenta que Pedro, duvidando tratar-se do Divino Amigo, solicita uma prova concreta que lhe permita ver com os seus próprios olhos se o dono daquela voz era de fato Jesus:

– Senhor, se és tu, manda que eu vá ao teu encontro sobre as águas...

O discípulo incrédulo solicita uma prova e Jesus concorda em atendê-lo.

– Vem! – autoriza o Mestre.

Pedro, mais que depressa, num verdadeiro arroubo de coragem, salta do barco, e avança noite adentro, pairando acima das ondas revoltas, ao encontro do Senhor Jesus.

A princípio, anda sem receio; entretanto, quando uma lufada mais forte de vento sopra contra ele, o

medo domina o calejado pescador que, desequilibrando-se, começa a submergir. O temor de ser tragado pelas ondas aciona-lhe desesperada reação, traduzida num brado de socorro a Jesus:

– Senhor, salva-me!

O Mestre prontamente lhe estende as mãos, levantando-o acima do perigo e reconduzindo-o em segurança ao barco, não sem o re-preender fraternalmente:

– Homem fraco na fé, por que duvidaste?

Assim que Jesus entra no barco dos discípulos, o vento amaina instantaneamente; as ondas diminuem a sua impetuosidade e a tempestade cessa como que por encanto, dando lugar à calma.

A embarcação volta a navegar suavemente, ao som compassado das remadas vigorosas e precisas dos discípulos, até aportar na outra margem, onde os passageiros desembarcam em segurança

...

A passagem evangélica guarda lição de profundo alcance à nossa reflexão.

Também nós outros somos forçados a embarcar no barco do corpo físico, que nos conduzirá da margem do berço à “outra margem” da vida, tantas vezes quantas necessárias, até atingirmos a perfeição, através das muitas idas e vindas. Nas travessias, enrijecemos os nossos músculos, remando e enfrentan-

do as muitas tempestades do percurso. Ondas bravias tentam submergir o nosso barco, a escuridão da noite busca amedrontar-nos. O cansaço às vezes nos traz o desânimo. Entretanto, esse e muitos outros obstáculos são colocados à nossa frente mais com o objetivo de enrijecer a nossa “musculatura” espiritual, no exercício de conduzir o barco, do que propriamente fazer com que ele afunde.

Em cada viagem adquiriremos mais força e mais experiência, se conduzirmos o barco enfrentando e vencendo ondas bravias e ventos contrários, do que se remarmos sempre em meio à calmaria.

A travessia é feita ao lado de outros barcos, conduzidos por outros marujos – nossos familiares, amigos, inimigos ou simples conhecidos.

No nosso barco, porém, cada tripulante deve desempenhar uma função específica: um é o capitão, que comanda os tripulantes, toma as decisões, traça a rota, mudando o curso do barco quando necessário; outro, é o timoneiro, que controla o leme e conduz a embarcação; outros, controlam as velas; alguns retiram o excesso de água para diminuir o peso do barco; outros, enfim, mantêm a conservação e limpeza da embarcação, de maneira que, pela contribuição coordenada de todos, o veículo possa singrar o mar da vida, vencer os ventos contrários, enfrentar as vagas revoltas e atingir a “outra margem”, sem naufragar.

Nos momentos difíceis da travessia, em meio às tempestades que nos envolvem sem dar aviso, quando a noite desce sobre o mar, a concentração de esforços faz-se ainda mais necessária entre os tripulantes,

especialmente quando os ventos são adversos. Aí então os remadores têm o dever de redobrar os seus esforços ao remo, exigindo-se do timoneiro maior rapidez nas manobras com o leme, para que o barco não soçobre; o comandante, por sua vez, tem de aguçar sua vista para perscrutar a noite, traçar o rumo – usando a bússola ou orientando-se pelas estrelas –, dar as ordens necessárias e tudo fazendo para que o barco não colida contra os arrecifes da rota.

Cada um deve estar a postos para que o barco não afunde. Porém, a tensão e o esforço despendido deixam os tripulantes tensos e fatigados. Costumam ficar tão preocupados com o uivar do vento e com o reboar das ondas contra o

casco da embarcação, que se esquecem por completo dAquele que os “forçou” à travessia...

...

Meu amigo, se o vento da adversidade está fustigando o seu barco; se as ondas da dúvida, da angústia ou da dor estão tentando arrastá-lo às profundezas do oceano da vida; se, por mais que você se esforce com os remos, o seu barco não avança, por causa do mar tempestuoso, antes, corre o risco de submergir; se, fatigado de tanto remar contra a violência das ondas, foi você repentinamente surpreendido em meio à travessia, pela noite da desesperança, ainda assim, não se desespere nem pare de remar. É prudente, porém, que você eleve o seu pensamento e aguçe a sua visão espiritual, rogando o auxílio do Alto. Foi o próprio Jesus quem prometeu aliviar todos aqueles que, fatigados e sobrecarregados, recorressem à Sua ajuda. Após isso, olhe em torno de si. A ajuda pode estar vindo ao seu encontro, iluminando tudo à sua volta, embora a você pareça outra coisa. Não duvide: É Ele! Não o confunda, porém, com um fantasma, nem O deixe passar ao largo. Peça-lhe ajuda e Ele certamente lhe estenderá as mãos amigas! Chame-O! Convide-O para entrar no seu barco. Você se aperceberá então de que no mesmo instante, o vento deixará de soprar forte, as ondas perderão progressivamente o seu ímpeto assassino, até se acalmarem de vez. E, então, você sentirá à sua volta uma suave e perfumada aragem que lhe permitirá continuar remando o seu barco com segurança, até à “outra margem”, da vida, até o PORTO DA PAZ! ■

**É prudente, porém,
que você eleve o seu
pensamento e aguçe a
sua visão espiritual,
rogando o auxílio do
Alto. Foi o próprio
Jesus quem prometeu
aliviar todos aqueles
que, fatigados e
sobrecarregados,
recorressem à
Sua ajuda**

Da proibição de evocar os mortos

Alguns membros da Igreja apóiam-se na proibição de Moisés para proscrever as comunicações com os Espíritos; mas se sua lei deve ser rigorosamente observada neste ponto, deve sê-lo igualmente sobre os demais. Por que seria boa em relação às evocações e má em outras partes? É preciso ser conseqüente; se, para certas coisas, reconhece-se que sua lei já não se harmoniza com os nossos costumes e a nossa época, não há razão para que não se dê o mesmo com a proibição das evocações. Aliás, é necessário nos reportarmos aos motivos que os levaram a fazer tal proibição, motivos que, então, tinham uma razão de ser, mas que, seguramente, hoje não mais subsistem. Quanto à pena de morte infligida a quem desrespeitasse essa proibição, forçoso é reconhecer que nisto Moisés era muito pródigo e que, na sua legislação draconiana, a severidade do castigo nem sempre era um indício da gravidade da falta. O povo hebreu era turbulento, difícil de conduzir e não podia ser domado senão pelo terror. Por outro lado, Moisés não tinha grande escolha nos seus meios de repressão; não dispunha de prisões, nem de casas de correção e seu povo não era passível de sofrer o medo de penas

puramente morais; assim, ele não podia graduar sua penalidade como se faz nos nossos dias. Ora, por respeito à sua lei, seria preciso manter a pena de morte para todos os casos em que a aplicava? Aliás, por que ressuscitam esse artigo com tanta insistência, enquanto guardam silêncio sobre o começo do capítulo que proíbe aos sacerdotes a posse dos bens da Terra e de ter parte em qualquer herança, porque o próprio Senhor é a sua herança? (Deuteronomio, cap. XVIII.)

Há duas partes distintas na lei de Moisés: a lei de Deus propriamente dita, promulgada no Monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, apropriada aos costumes e ao caráter do povo; uma é invariável, a outra se modifica com o tempo.

A ninguém pode vir à mente que possamos ser governados pelos mesmos meios que os hebreus no deserto, assim como a legislação da Idade Média não poderia aplicar-se à França do século dezenove. Quem pensaria, por exemplo, em reviver hoje este artigo da lei mosaica: “Se um boi fere com o chifre a um homem ou a uma mulher, e a pessoa morrer, o boi será lapidado sem remissão, ninguém comerá sua carne e seu dono será absolvido.” Ora, que diz Deus em seus mandamentos? “Não terás outro Deus senão eu; não tomarás o nome de Deus em vão; honra teu pai e tua mãe; não matarás; não cometerás adultério; não roubarás; não dirás falso

testemunho; não cobiçarás os bens de teu próximo.” Eis uma lei que é de todos os tempos e de todos os países, e que, por isto mesmo, tem um caráter divino; mas não trata da proibição de evocar os mortos, donde forçoso é concluir que tal proibição era simples medida disciplinar e circunstancial.

Mas Jesus não veio modificar a lei mosaica, e sua lei não é o código dos cristãos? Não disse ele: “Ouvistes o que foi dito aos Antigos tal ou qual coisa; eu, porém, vos digo outra coisa?” Ora, em parte alguma do Evangelho se faz menção da proibição de evocar os mortos; é um ponto muito grave para que o Cristo o tivesse omitido em suas instruções, embora tenha tratado de questões de ordem bem mais secundária. Ou se deve pensar, como um eclesiástico a quem tal objeção foi feita, que “Jesus se esqueceu de falar nisso?”

Como o pretexto da proibição de Moisés é inadmissível, eles se apóiam na desculpa de que a evocação é uma falta de respeito aos mortos, cujas cinzas não devem ser perturbadas. Quando essa evocação é feita religiosamente e com recolhimento, não se pode falar em desrespeito; mas há uma resposta peemptória a dar a tal objeção: é que os Espíritos vêm de boa vontade quando chamados e, mesmo, espontaneamente, sem serem chamados; manifestam satisfação por se comunicarem com os homens e freqüentemente se queixam do esque-

cimento em que por vezes são deixados. Se fossem perturbados em sua quietude ou ficassem descontentes com o nosso apelo, eles o diriam ou não viriam. Se vêm, é porque isto lhes convém, pois não sabemos de ninguém que tenha o poder de constringer os Espíritos, seres impalpáveis, a se incomodarem, caso não o queiram, já que não os podemos prender ao corpo.

Alegam outra razão: as almas, dizem, estão no inferno ou no paraíso. As que estão no inferno dali não podem sair; as que estão no paraíso conservam-se em inteira beatitude e muito acima dos mortais para se ocuparem com eles. Restam as que estão no purgatório; mas estas são sofredoras e devem pensar antes de tudo em sua salvação. Portanto, se nenhuma delas pode vir, somente o diabo vem em seu lugar. No primeiro caso seria muito racional supor que o demônio, autor e instigador da primeira revolta contra Deus, em perpétua rebelião e não experimentando arrependimento nem pesar pelo que faz, fosse mais rigorosamente punido do que as pobres almas por ele arrastadas ao mal e que, muitas vezes, são apenas culpadas de uma falta temporária que lhes causa amargos remorsos. Longe disso: é exatamente o contrário que acontece. Essas almas infelizes são condenadas a sofrimentos atrozes, sem trégua nem mercê por toda a eternidade, sem um só instante de alívio e, durante esse tempo, o diabo, autor de todo o mal, goza de plena liberdade, corre o mundo recrutando vítimas, toma todas as formas, se permite todas as alegrias, faz traquinices, diverte-se até mesmo em interromper o curso das leis de Deus,

já que pode fazer milagres. Na verdade, restaria às almas culpadas invejar a sorte do diabo. E Deus o deixa agir, sem nada dizer, sem lhe opor nenhum freio, sem permitir aos bons Espíritos que ao menos venham contrabalançar suas ações criminosas! De boa-fé, isto é lógico? e os que professam tal doutrina podem jurar, com a mão na consciência, que a poriam no fogo para sustentar que é a verdade?

O segundo caso também levanta uma dificuldade muito grande. Se as almas que estão na beatitude não podem deixar sua venturosa morada para vir socorrer os mortais – o que, diga-se de passagem, seria uma felicidade muito egoísta – por que invoca a Igreja a assistência dos santos, que devem gozar da maior soma possível de beatitude? Por que diz ela aos fiéis que os invoquem nas doenças, nas aflições e para se preservarem dos flagelos? Por que, segundo ela, os santos, a própria Virgem, vêm mostrar-se aos homens e fazer milagres? Então eles deixam o Céu para vir à Terra? Se o podem deixar, por que outros não o poderiam?

Como os motivos alegados para justificar a proibição de se comunicar com os Espíritos não suportam um exame sério, é preciso que haja outro, não confessado. Este motivo bem poderia ser o temor de que os Espíritos, muito clarividentes, viessem esclarecer os homens sobre certos pontos e lhes dar a conhecer exatamente como se passam as coisas no outro mundo e as verdadeiras condições para ser feliz ou infeliz. Eis por que se diz a uma criança: “Não vá lá; existe um lobisomem”; e se diz aos homens: “Não chameis os Espíritos; são diabos.”

Providência inútil, porquanto, mesmo que se proíba os homens de chamar os Espíritos, não se impedirá que os Espíritos venham aos homens tirar a lâmpada de debaixo do alqueire.

Allan Kardec

Fonte: *Revue Spirite (Revista Espírita)* – outubro de 1863. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. ■

O divino convite

“Vinde a Mim, vós que
[sofreis!...” –

E a palavra do Senhor,
Tocando nações e leis,
Ressoa, cheia de amor.

Herdeiros tristes da cruz,
Que seguis de alma ferida,
Encontrareis em Jesus
Caminho, verdade e vida.

Famintos de paz e abrigo,
Que lutais no mundo incréu,
Achareis no Eterno Amigo
O Pão que desceu do Céu.

Almas sedentas de pouso,
Que à sombra chorais cativas,
Tereis no Mestre Amoroso
A Fonte das Águas Vivas.

Vinde, irmãos, a Jesus-Cristo,
O Guia que nos conduz!
Vosso caso está previsto
Em suas lições de luz.

Casimiro Cunha

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Gotas de Luz*. 6. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, cap. 1, p. 9-10.

Local do lançamento de *O Livro dos Espíritos*

Antonio Cesar Perri de Carvalho

É natural os espíritas desejarem conhecer os locais que guardam alguma relação com o trabalho do Codificador, por ocasião de viagem a Paris e, sem dúvida, ao ensejo das homenagens pelo Bicentenário de Allan Kardec.

Embora a monumental capital francesa conserve prédios antiquíssimos, evidentemente que há algumas alterações nas edificações, introduzidas ao longo do tempo.

Essa realidade é sentida quando se procura localizar a livraria onde, a 18 de abril de 1857, Kardec lançou *O Livro dos Espíritos*. A re-

ferência é correta, na Livraria Dentu, na Galeria Orléans, no interior do *Palais Royal*.

O *Palais Royal* localiza-se a uma quadra curta da lateral do Museu do Louvre. O acesso se faz pela estação de metrô *Palais-Royal/Musée du Louvre* e a entrada principal do *Palais Royal* pela *Place du Palais Royal*, na *rue St. Honoré*.

Todavia, ao adentrar no *Palais Royal*, o visitante somente encontra, com muita atenção, no início de uma fileira de pares de colunas, uma coluna no lado esquerdo do Palais com uma placa de mármore branco contendo a inscrição *Galerie D'Orléans*.

Ao procurar as informações históricas, encontramos dados muito

interessantes sobre o *Palais Royal*. Foi edificado por etapas, entre os séculos XVII e XIX, a partir de jardins e construções iniciais que pertenceram ao Cardeal Richelieu. O rei Luís XIV doou a área e os prédios então existentes a seu irmão Philippe d'Orléans. O patrimônio passou pelos herdeiros deste, até chegar às mãos do controverso Duque de Orléans, conhecido como *Philippe "Égalité"*, e finalmente para seu filho Louis-Philippe, que se tornou rei da França em 1830. Além da sede do *Théâtre Français*, localizado à frente e à esquerda, o *Palais Royal* abrigou principalmente atividades comerciais e passou por momentos de deturpação. Em bons momentos, entre 1781-1790, o *Palais Royal* já era considerado como empreendimento comercial e cultural, "o único marco no mundo", pois, segundo anotação de Louis-Sébastien Mercier publicada em *Tableau de Paris* (de *Pérouse de Montclos*), não se encontraria nada parecido em outras capitais européias. No reinado de Louis-Philippe o *Palais Royal* foi recuperado, recebeu acréscimos e atingiu o apogeu como galeria comercial.

Entre os pares de colunas, que unem as alas esquerda e direita da área interna e central do *Palais Royal* e antes de se chegar aos jardins, no final do século XVIII,



Palais Royal

o Duque de Orléans edificou uma estrutura de madeira, coberta, e com áreas envidraçadas. No seu interior existiam várias lojas e, entre elas, no número 13, se estabeleceu a *E. Dentu, Libraire*. Nesta livraria, o Codificador lançou a obra inaugural da Doutrina Espírita. Posteriormente, a referida estrutura foi destruída, e entre os pares de colunas está aquela que mantém a mencionada *Galerie D'Orléans*, atualmente a única referência objetiva da localização da livraria que pertencia a um amigo de Kardec e que já havia publicado seus livros didáticos como Prof. Rivail.

O *Palais Royal* também foi sede da pioneira Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Esta, desde a fundação por Kardec, a 1º de abril de 1858, até um ano depois, funcionou na Galeria Valois (lado direito do *Palais*), e, de 1º de abril de 1859 a 1º de abril de 1860, em dependência do restaurante Douix, na Galeria Montpensier (lado esquerdo do *Palais*).

O *Livro dos Espíritos* e a Sociedade, que foi o primeiro centro espírita do mundo, tornaram-se públicos, num dos marcos da capital francesa. ■

BIBLIOGRAFIAS:

AUDI, E. *Vida e obra de Allan Kardec*. Niterói: Lachâtre, 1999.

ABREU, Canuto. *O primeiro Livro dos Espíritos*. São Paulo: Companhia Editora Ismael, 1957.

PÉROUSE DE MONTCLOS, J.M. *Paris. City of Art*. (Trad. A-P-E International). New York: The Vendome Press, Chapter X, 2003.

WANTUIL, Z.; THIESEN, F. *Allan Kardec*. Volume II. Rio de Janeiro: FEB, 1980.

Instituições Espíritas

Washington Borges de Souza

te chegará à conclusão da sua procedência divina, graças à sua natureza, que deixa patente a inconfundível sabedoria do Criador.

É marcante a simplicidade com que o Espiritismo se mostra ao mundo. Tal caráter ressalta ainda mais a sua grandeza.

O seguidor dos princípios espíritas, quem deles se aproxima de boa-fé, quem busca consolação ou auxílio, encontra na Doutrina dos Espíritos o socorro e sustentação, infalível código de conduta moral. O Espiritismo jamais hostiliza quaisquer outras organizações e tendências religiosas, seus adeptos, ou mesmo os que caminham sem fé. Por outro lado, enseja plena consciência das verdades que ensina e transmite plena convicção da destinação da criatura humana.

Nós, peregrinos dos caminhos da vida, somos todos irmãos. Fomos criados simples e ignorantes, livres para a prática de ações às quais nos vinculamos. A soberana Justiça Divina, no curso das nossas sucessivas vidas, obriga-nos a responder por todos os nossos atos. A misericórdia de Deus indica os caminhos que levam à felicidade, cabendo a cada um de nós perlustrar-los.

As atividades espíritas são, geralmente, exercidas em centros, grupos, associações, uniões, sociedades, entidades, e em instituições de âmbito nacional e internacional, bem como no recesso dos lares pa-

A Doutrina Espírita está implantada na Terra por meio da Codificação Kardequiana, composta de cinco obras básicas, publicadas na segunda metade do século XIX e elaboradas por Hippolyte Léon Denizard Rivail com base nos ensinamentos trazidos pelos Espíritos.

Fundamenta-se em preceitos naturais, com rigorosa observância do que os Espíritos vieram revelar. Essa Doutrina não é, portanto, obra de um só autor, mesmo porque, pela sua grandiosidade, não seria coerente com a lógica ser procedente de uma única individualidade.

A origem divina da Doutrina Espírita é indiscutível. Jesus, Governador Espiritual do Planeta, afasta qualquer dúvida quando asseverou: “E eu rogarei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco” (João, 14:16).

Desse modo, ressalta das próprias palavras de Jesus, que o Espiritismo é oferta da Divina Providência. Ademais, é revelação de leis naturais e de verdades inconcusas, sobre as quais se assenta. Quem de boa-fé e em sã consciência se der ao trabalho de examinar as obras da Codificação Kardequiana, facilmen-

ra o culto do Evangelho e o estudo doutrinário de inestimável valia para a família, resultando em benefícios para toda a sociedade. É relevante, contudo, ressaltar que o templo dos Espíritos é a própria Natureza, tendo em vista que, encarnados ou desencarnados, estão em toda parte.

Também é sempre oportuno lembrar que o Espiritismo não tem chefes humanos. Suas organizações têm seus responsáveis, de acordo com as leis dos homens, mas sempre devem observar disciplina, ordem, fraternidade etc., a fim de que possam funcionar em harmonia com os princípios estabelecidos pela Doutrina.

É imperiosa para a pessoa a busca permanente da perfeição, da humildade, da prática da caridade. O amor ao semelhante e o conhecimento da verdade através de estudo continuado e outras recomendações de Jesus são imprescindíveis. A fé deve sempre acompanhá-la.

O intercâmbio com o mundo espiritual é muito proveitoso e, por esse meio, colhemos valiosas orientações e consolações, além de constituir inesgotável fonte de socorro para alívio de dores e sofrimentos e até curas de enfermidades do corpo e da alma.

Os preceitos espíritas trazidos ao mundo são primorosos e indispensáveis aos homens porque têm caráter divino, mostram a irrecusável e inconfundível expressão da infinita sabedoria e bondade de Deus.

A Doutrina Cristã foi transmitida oralmente aos homens por Jesus. Houve, portanto, necessidade de seus ensinamentos serem consubstanciados em normas escritas, positivas, insofismáveis, que não deixam

margem a dúvida ou discussão e sem o véu da letra exigido ao tempo do Cristo. Certamente, foi essa necessidade a razão da vinda do Consolador prometido, então, pelo Divino Mestre.

A luta constante do adepto da Doutrina dos Espíritos deve ser em demanda da sua transformação moral, em consonância com a conduta e as prédicas de Jesus. São os meios de fazer cessar o egoísmo entranhado no pequenino coração humano e de promover a Terra e torná-la um mundo melhor, digno dos homens de bem.

O Espírito tem necessidade de progredir por meio de sucessivas reencarnações, de acordo com os desígnios divinos. Cumpre-lhe, assim, a obrigação de aproveitar as oportunidades que a vida lhe dá, para adiantar-se nas longas trilhas evolutivas em busca da própria felicidade.

Allan Kardec foi o pseudônimo usado por Hippolyte Léon Denizard Rivail para promover a elaboração da portentosa obra da Codificação Kardequiana. Inicialmente, limitou-se a observar e examinar os fenôme-

nos espirituais, então muito frequentes. Depois, deu seguimento à gloriosa tarefa, recolhendo, coligindo e confrontando dados e documentos de diversas proveniências relativos às manifestações dos Espíritos. Finalmente, após coligir todo esse material e examiná-lo cuidadosa e meticulosamente, constatou que se tratava de questões da maior relevância para a vida e os destinos humanos, as quais constituíam a estrutura de portentosa edificação doutrinária. Homem de vasta cultura, de admirável bom senso, afeito a examinar com profundidade temas transcendentais, cumpriu sua honrosa missão de Codificador da Doutrina Espírita com denodo e inextinguível devotamento.

Kardec, em todo o desenvolvimento das obras da Codificação, aditou a elas seus magníficos, judiciosos e insuperáveis pronunciamentos, aperfeiçoando-a ainda mais. A esse ingente e fatigante labor, doou a própria vida, procedimento que exprime sua grandeza e simboliza, com fidelidade, seu amor e sua gratidão ao Criador. ■

18ª Bienal Internacional do Livro – São Paulo 2004 –

A Federação Espírita Brasileira estará presente na Bienal Internacional do Livro em São Paulo, no Centro de Exposições Imigrantes, no período de 15 a 25 de abril, corrente, objetivando, como sempre, a divulgação do Livro Espírita. A FEB participará de forma institucional – como pólo distribuidor para os *Stands* de diversas Livrarias e Centros credenciados – com suas principais obras, dentre elas, a Coleção *A Vida no Mundo Espiritual*, os Romances de Emmanuel, a Coleção Yvonne Pereira, as obras de Allan Kardec e livros de Chico Xavier. Será dada ênfase à comemoração do Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec.

Os variegados e repetidos mecanismos de erro e acerto

Rogério Coelho

“Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço.” – Paulo. (Romanos, 7:19.)

É flagrante a defasagem psicológico-moral entre o *homem-velho* e o ser que se candidata aos acumes espirituais. Ambos residem no mesmo *condomínio*, e o conflito é a onipresente e altissonante nota nesse drama do concerto evolutivo...

Herdeiras de si mesmas, as criaturas vão arrecadando – por somatório – os seus acervos de erros e acertos que, em forma de atavismos fluem para a presente e futuras reencarnações.

O equacionamento feliz dos desajustes só começa a acontecer quando é percebida a importância do autoconhecimento. Os binômios erro-reparação, acerto-crescimento, uma vez identificados, levam o indivíduo a moderar os impulsos primitivos do *homem-velho*, completando o elenco de providências felizes com a erradicação da ignorância, iniciando-se, destarte, a alteração dos painéis existenciais que acenam para a elevação gloriosa. Alinhando-se com as Leis Divinas, emancipa-se o ser dos sofrimentos.

A evolução até à firmeza da decisão pela travessia da *porta-estreita*

vai-se operando através de vários e repetidos mecanismos de erro e acerto, marchas e contramarchas.

No estágio evolutivo em que nos encontramos, lícito é admitirmos os tropeços, uma vez que não somos incólumes nem especiais: somos ainda humanos em busca da angelitude.

Atentemos para o alerta de Joanna de Ângelis¹ sobre a

CANALIZAÇÃO BEM ORIENTADA DAS ENERGIAS

“A necessidade de cada um dirigir os próprios problemas é indiscutível e inadiável, devendo fazer parte da agenda diária de todo aquele que desperta para a consciência de si, não se permitindo agasalhar conflitos, mesmo que sob hábeis camuflagens do inconsciente.

Mediante uma auto-análise honesta, na qual se dispensem o elogio, a condenação e a justificação, o indivíduo deve permitir-se a identificação do erro, do problema, e sem consciência de culpa dirigir o acontecimento, buscando os meios de reparação e a libertação do sentimento perturbador.

Não são poucos os males orgânicos que defluem das emoções e sentimentos nas áreas da afetivi-

dade e do comportamento, que podem ser evitados e solucionados graças a uma atitude de boa vontade para consigo mesmo e para com os outros, permitindo-lhes o direito de serem como são e não conforme gostariam que fossem.

A cuidadosa auto-análise, sem caráter exigente nem condenatório, abrirá possibilidades inúmeras para o equilíbrio e ajudará a desenvolver a tolerância em relação aos outros, produzindo harmonia interior.

Surgem, então, os ensejos de recuperação pelo trabalho e bem orientada canalização das energias, que se transformam em dinamos geradores de força, que propiciam saúde, bem-estar e harmonia. Reflexão e diálogo, honestidade para consigo mesmo e para com o seu próximo, esforço constante para a identificação dos limites e ampliação deles constituem terapias e métodos para transformar os problemas em soluções, as dificuldades em experiências vitoriosas, crescendo sem cessar.

O ser psicológico – amadurecido – ama e confia, fitando o alvo e avançando para ele, sem ter, nem ser problema na própria trajetória.”

Na singular obra de André Luiz, familiarizamo-nos com um importante equipamento existencial chamado **pensamento**.

¹Joanna de Ângelis/Franco, D. P. *Autodescobrimento* – LEAL.

Não menosprezando a opinião dos psicólogos organicistas que afirmam ser o pensamento uma secreção do cérebro à semelhança de um produto glandular qualquer, preferimos optar pelas mais amplas e lógicas elucidações do Espiritismo, que o coloca como emanção do Espírito com funções plasmadoras e vinculado à Lei de Causa e Efeito.

Por constituir fulcro gerador dos erros e acertos, faz-se mister maiores aprofundamentos nas questões que elucidam as potencialidades e virtudes do pensamento. Ainda uma vez mais, deixamos as conceituações a cargo da Mentora Joanna de Ângelis sobre a

VISÃO ESPÍRITA DO PENSAMENTO

“A mente plasma no cérebro a idéia, através das multifárias reencarnações, evoluindo o ser espiritual, desde simples e ignorante, quando se manifesta por meio do pensamento primitivo até o momento em que, desenvolvendo todas as potencialidades que nele jazem, estas se desvelam e se fixam nos sutis painéis da sua constituição energética.

O mecanismo filogenético é manipulado pela mente que programa a cerebração, pela qual exterioriza o pensamento na próxima reencarnação, tendo por base as conquistas anteriores.

À medida que o Espírito evolui, o corpo se aprimora, face às vibrações do perispírito que o organiza e mantém. Nesse seguimento, a organização material depende das energias espirituais, que necessitam do processo da reencarnação como a semente precisa do solo para desatar a Vida que nela estua embrionária e o espermatozóide com o

óvulo o reduto próprio, para liberar a Vida material.

Assim, o pensamento, que procede da máquina mental, recorre ao cérebro a fim de fazer-se entendido no atual estágio de evolução da Humanidade.

Disciplinar e edificar o pensamento através da fixação da mente em idéias superiores da Vida, do amor, da arte elevada, do bem, da Imortalidade, constitui o objetivo moral da reencarnação, de modo que a plenitude, a felicidade seja a conquista a ser lograda.

Pensar bem é fator de Vida que propicia o desenvolvimento, a conquista da Vida...”

Jesus, ao seu tempo, já nos alertava quanto à vigilância que deveríamos manter sobre o pensamento (Mateus, 5:27-28), porque Ele como ninguém conhece a força plasmadora desse equipamento existencial que, de acordo com o livre-arbítrio, pode levar-nos para os pântanos das iniquidades ou para os alcandorados acumes espirituais. Conheçamo-nos, pois e... vigie-mos!...

RETORNO À PÁTRIA ESPÍRITUAL

Joaquim da Costa Villaça

Português de nascimento, foi um espírita ativo, querido de todos os que o conheceram e com ele privaram, não só pela sua palavra evangélica, mesclada, às vezes, de um humor sadio, senão também pelos seus comentários, ora de profunda filosofia, ora de graça e leveza.

Serviu condignamente à Federação Espírita Brasileira, junto aos quatro presidentes anteriores ao atual, conforme a relação abaixo. Seu estado de saúde impediu-o de continuar a ocupar cargos na FEB após 1991. Ele próprio se afastou, para dar oportunidade a que outros companheiros melhor desempenhassem as funções administrativas na Casa de Ismael. Desencarnou em 4 de dezembro de 2003, com avançada idade.

Vejamos, agora, o quanto ele deu de si em diferentes cargos na Federação Espírita Brasileira:

– Suplente da antiga Assembléia Deliberativa, de 1946 a 1950.

– Membro efetivo da Assembléia Deliberativa, de 1951 a 1955.

– Membro efetivo do Conselho Superior, de 1956 a 1960.

– 2º Secretário, de 1960 a 1978, exceto 1962, ano em que ocupou o cargo de 1º Procurador.

– Membro efetivo do Conselho Fiscal, de 1979 a 1991.

Seu corpo foi sepultado no Cemitério de São Francisco Xavier, tendo Juvanir Borges de Souza, seu velho amigo e admirador, feito a prece de despedida, como representante da Federação Espírita Brasileira.

Eu não sou deste mundo...

Fátima Salvo

“**E**u não sou deste mundo, estou aqui só de passagem.” “Jesus nos abençoe no propósito de ao Bem servir.” “Nem sempre ocorre o melhor, mas tudo concorre para o melhor.”

Assim se expressava Paulo Daltro de Oliveira, criador e diretor, por 14 anos, da *Revista Espírita Allan Kardec*, desencarnado, aos 68 anos, na tarde do dia 28 de janeiro último, em Goiânia, vitimado por rara infecção pulmonar, a histoplasmoose profunda, causada por fungos disseminados por pombos.

Natural de Batatais (SP), mas, goiano de coração, era conhecido pela exemplificação do Evangelho de Jesus, numa vida dedicada à Doutrina Espírita. Paulo esteve à frente de inúmeras atividades, desde organização de cursos e eventos doutrinários, ações de promoção social, até à construção de centenas de casas populares para famílias carentes, em regime de mutirão, para os quais arremontava companheiros de todas as classes sociais. Não era raro vê-lo, odontólogo dos mais renomados, ao lado dos amigos, a socar barro, misturar cimento, abrir valas para alicerces e todo tipo de tarefa, em inesquecíveis fins de semana. Neste regime, construiu também o Posto de Auxílio Espírita e as instalações da Gráfica e Editora Espírita Paulo de Tarso, ambas construções de grande porte em dois andares, ao lado do Lar Espírita Francisca de Lima, antigo orfanato de meninas e hoje abrigando creche, berçário e escola infantil.



Paulo Daltro de Oliveira

Em meados da década de 80, numa atitude considerada audaciosa por muitos, adquiriu maquinário diretamente da Alemanha para montar a Gráfica e Editora Paulo de Tarso que, além de propiciar trabalho a profissionais da área, abrigou dezenas de menores aprendizes, sustentou as obras de promoção social, atendeu às necessidades de impressos de companheiros, espíritas ou não.

Em 1989, dando curso ao trabalho que mais o empolgava, que era a divulgação do Espiritismo, lançou a *Revista Espírita Allan Kardec*, apreciada por espíritas e não espíritas em todo o Brasil e no Exterior, abordando temas do dia-a-dia à luz da Doutrina Espírita.

Incentivador das artes como meio de expressão quintessenciada do Espírito e como meio de evangelização, Paulo apreciava a poesia, especialmente a mediúnica, a ponto de declamar várias, emocionadamente, sempre que havia oportunidade. Seus cinco filhos e a

esposa Suzi Daltro seguiram seu exemplo, dedicando-se à música, eles no Grupo Arte Nascente e ela no Coral Vozes da Esperança, do qual é a regente.

Entusiasta e desprendido ao extremo, bancava do próprio bolso inúmeras obras filantrópicas e custos de manutenção da Gráfica, graças a uma situação financeira estável, fruto de seu trabalho como odontólogo.

Ao adoecer, permaneceu internado por mais de dois meses, a maior parte na UTI. Não obstante os cuidados intensivos, com a assistência de sua filha, a enfermeira Ana Lúcia Daltro, e da nora, médica Claudinelli Alvarenga Daltro, ao lado de competente equipe médica e assistência espiritual, o debilitado organismo de Paulo não pôde mais sustentar o seu forte Espírito.

Ele não gostava da hora vazia. Assim, a noite de sua comovente despedida foi um momento de edificação, matizada por reflexões entremeadas por canções espiritualizadas, em meio às lágrimas de saudades e aos depoimentos de quantos receberam algum consolo, a orientação na hora precisa, o socorro material. Exemplares da Revista e mensagens impressas estavam à disposição dos participantes.

Na manhã seguinte, depois de pesada chuva, o Sol se fez luminoso para entregar à Espiritualidade Maior um abnegado apóstolo da Doutrina Espírita. ■

Ajude a divulgar o Espiritismo.
Para receber o seu adesivo gratuitamente,
mande dentro de sua correspondência um
envelope selado (tamanho mínimo de
14,5x19cm) endereçado à
Federação Espírita Brasileira
Rua Souza Valente, 17 – São Cristóvão
20941-040 – Rio de Janeiro (RJ)

CONHEÇA O ESPIRITISMO

CIÊNCIA, FILOSOFIA E RELIGIÃO

LEIA KARDEC



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

DEUS E A CRIAÇÃO
HOMEM: ESPÍRITO IMORTAL
VIDA DEPOIS DA MORTE
REENCARNAÇÃO
LEIS MORAIS
ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES
PERDA DE ENTES QUERIDOS



Amazonas: Congresso Espírita

Como parte da programação comemorativa do seu 1º Centenário, a Federação Espírita Amazonense promove de 8 a 11 deste mês o 1º Congresso Espírita do Amazonas, no Instituto Denizard Rivail, com o tema central *O Espiritismo na construção de um mundo melhor*, desdobrado nos subtemas *Espiritismo e Reforma Íntima* e *Espiritismo e Transformação Social*, havendo, ainda, um subtema especial – *Aspectos históricos do Movimento Espírita*, com destaque para o Centenário da FEA, o Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec e os 120 anos da FEB. O programa compreende duas conferências, sete palestras e três painéis, a cargo dos expositores: Alberto Ribeiro de Almeida (PA), Altivo Ferreira (SP), André Luiz Peixinho (BA), Luciano Klein Filho (CE) e Samuel Magalhães (AM).

Maranhão: Confraternização Espírita

A Federação Espírita do Maranhão realizou no período de 21 a 24 de fevereiro passado a XXIV CONESMA – Confraternização Espírita do Maranhão –, com o tema *ESPÍRITO, O Grande Desconhecido*, abordado na conferência de abertura e através de vários subtemas, por Geraldo Guimarães (RJ), André Henrique de Siqueira (DF) e Luciano Klein Filho (CE). O evento ocorreu na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e teve por objetivo permitir a troca de experiências e a confraternização entre os espíritos.

Espanha: O ESDE na Internet

A Federação Espírita Espanhola está promovendo o seu primeiro Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE) pela Internet. Na página www.espiritismo.cc o internauta pode ampliar conhecimentos sobre o Espiritismo e ficar informado quanto a eventos espíritas que serão realizados na Espanha e em outros países. O endereço para correspondência com a Federação, via correios, é: Calle Ruiz Morote, 12 – 13200 Manzanares – Ciudad Real – Espanha. (SEI)

R. G. do Sul: Congresso Médico-Espírita

Será realizado em Porto Alegre, em 1 e 2 de maio, no Centro de Eventos Plaza São Rafael, o II Congresso

Médico-Espírita do Rio Grande do Sul, com o tema *Saúde perfeita, harmonia da alma*, a ser desenvolvido por Divaldo Pereira Franco, Marlene Rossi Severino Nobre e outros renomados expositores. Um dos objetivos do evento, promovido pela Associação Médico-Espírita do Rio Grande do Sul, é colaborar com o Hospital Espírita de Porto Alegre.

Porto Seguro (BA): Jornada Espírita

O Centro Espírita Porto da Paz, com o apoio da Federação Espírita do Estado da Bahia, através da ARE 26 (Aliança Regional Espírita), promoverá no Centro de Cultura, de 29 de abril a 2 de maio, a IX Jornada Espírita de Porto Seguro, com o tema central *Somos todos imortais*. Divaldo Pereira Franco fará a palestra de abertura e um seminário, havendo mais três palestras, de Richard Simonetti (SP), Alberto Ribeiro de Almeida (PA) e Abigail Guimarães (BA), e dois seminários com Simonetti e Alberto Almeida.

São Paulo (SP): USE – Mocidades e Juventudes Espíritas

A União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE), através do seu Departamento de Mocidades, desenvolve profícua ação junto às Mocidades e Juventudes Espíritas do Estado. No período de 8 a 11 de abril corrente realizam-se as Confraternizações Seccionais nas cidades de São José dos Campos, São João da Boa Vista, Franca e Adamantina, que reúnem as Mocidades e Juventudes Espíritas das respectivas regiões. Em 13 e 14 de novembro deste ano ocorrerá em São Paulo (Capital) o 6º Encontro Estadual de Comissão Diretora de Mocidades Espíritas.

Guarulhos (SP): Fundação da UNIESPÍRITO

Foi criada com sede na Fundação Espírita André Luiz, em 25 de janeiro de 2004, a UNIESPÍRITO (Universidade Internacional de Ciências do Espírito), cujo lançamento se deu através do Programa Boa Nova na TV, às 10 horas da manhã. A UNIESPÍRITO irá utilizar os instrumentos da Ciência Contemporânea para explorar as questões de espiritualidade e suas aplicações junto à Medicina, Psicologia, Pedagogia, Sociologia e outras áreas.